



MYRA

JUNTOS PELA
LEITURA



ESCOLA

Como criar um ambiente favorável à leitura na escola?

Iniciativa:



Apoio técnico:



EDIÇÃO BRASILEIRA

SÃO PAULO, JUNHO DE 2016.

AUTORAS

Alda Beraldo
Lucinha Magalhães
Marília Novaes
Sandra M. M. Medrano

COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

Sandra M. M. Medrano

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Comunidade Educativa CEDAC:

Patrícia Diaz
Roberta Panico
Tereza Perez

Fundação SM:

Mariana Franco
Pilar Lacerda
Carla Domingos
Marisa Abuin

EDIÇÃO CATALÃ

BARCELONA,
JUNHO DE 2015.

AUTORAS

Mònica Baró
Cristina Aliagas
Glòria Gorchs

COORDENAÇÃO DE CONTEÚDO:

Àlex Cosials
Paula Veciana

EDITORA

Fundació Jaume Bofill

ESCOLA

**Como
criar um
ambiente
favorável
à leitura
na escola?**



Apresentação

Myra em tupi se refere a pessoas e a grupos, indicando integração, movimento e experiência, relacionando futuro, engajamento, afetividade... Com toda essa significação tão positiva escolhemos a palavra como a identidade de nosso programa. Assim, apresentamos **Myra - juntos pela leitura**.

Myra - juntos pela leitura é um programa inspirado no **Lecxit - Leitura para o êxito escolar**¹ desenvolvido desde 2011 na Catalunha pela Fundação “La Caixa”, pela Secretaria de Educação e pela Fundació Jaume Bofill.

No Brasil é promovido pela *Fundação SM*, com apoio técnico da *Comunidade Educativa CEDAC*, e tem como objetivo apoiar o aprimoramento das competências leitoras de estudantes de 4º ao 6º ano do Ensino Fundamental de escolas públicas brasileiras.

¹Disponível em: <www.lectura.cat>.
Acesso em: 20 ago. 2016.

Seu objetivo é ampliar os espaços em que as crianças possam ter acesso à leitura, de maneira a colaborar para que melhorem seu desempenho leitor e com isso construam conhecimentos e desenvolvam seu potencial para acessar os bens culturais expressos por esse meio.

Myra – juntos pela leitura aposta na atuação de toda a comunidade na educação das crianças. Para que isso aconteça, estimula a participação de voluntários, em parceria com a escola e a família, no sentido de compartilhar a tarefa de garantir que todas as crianças aprendam a ler e conquistem assim autonomia para continuar aprendendo por toda a vida.

Um bom desempenho em leitura é fundamental para o desenvolvimento escolar e, sobretudo, pessoal. Assim, o programa investe nessa área como forma de possibilitar que em nosso país, ainda marcado pela desigualdade de oportunidades, a leitura como prática social possa ser tratada como uma necessária garantia em direção ao acesso democrático aos bens culturais.

Como um dos componentes dessa tríade – voluntário-escola-família – interessada em posições mais seguras dos meninos e das meninas como leitores, a Escola é um contexto de valor inestimável: porque possibilita vivências socializadoras, permeadas por afetos e fazeres, em que os desafios da leitura e da escrita colaboram, como pano de fundo e como ferramenta vital, para os estudantes se compreenderem como indivíduos e como seres sociais. No contexto escolar, a forma de conceber a educação, de selecionar conteúdos e de organizar o ensino é determinante, enfim, para as conquistas desses meninos e dessas meninas como leitores.

O documento *Como criar um ambiente favorável à leitura na escola?* objetiva colaborar com esse processo, oferecendo um suporte à equipe escolar, para realizar atividades de leitura com os alunos: com obras ficcionais e não ficcionais de variados gêneros, incluindo a leitura nas telas dos dispositivos eletrônicos – produções que representam parte do que a sociedade letrada cria. Por equipe escolar entendam-se a direção, a coordenação pedagógica, os mediadores em espaços específicos de leitura, o professor, atores que precisam atuar em rede e ter condições institucionais garantidas para o sucesso das suas ações, investindo em parcerias variadas na busca de se constituírem como verdadeira comunidade leitora.

Boa leitura!



O Myra acredita na importância da atuação de toda a comunidade na educação das crianças. Para incentivar o envolvimento das pessoas na formação de todas as crianças, o Myra articula-se a partir da participação dos voluntários, em parceria com a escola e a família, para que, juntos, compartilhem a tarefa de garantir que todas as crianças aprendam a ler e conquistem, assim, autonomia para continuar expandindo seus conhecimentos por toda a vida.

Ser um bom leitor, gostar de ler e entender o que leu são habilidades importantes para um bom desempenho escolar e para a garantia do acesso democrático aos bens culturais.

COMO FUNCIONA



SUMÁRIO

10

1. LEITURA E LEITURAS NA ESCOLA

Escola, uma comunidade leitora	13
Ações entrelaçadas: diretor, coordenador pedagógico e mediadores de leitura	15
O diretor: condições gerais a serem garantidas	16
O coordenador pedagógico e seus parceiros – os mediadores de leitura	18
Em espaços amplos ou reduzidos – é sempre tempo de livros e de leitura	20
Entre as páginas dos livros, as pessoas	26



28

2. LER NAS TELAS: COMO FORTALECER O LEITOR?

O desafio de ensinar a ler e a ser leitor na era digital	30
Mudanças do suporte utilizado para a leitura	32
Mudanças na forma de conceber o texto	34
Mudanças na experiência de leitura	35
Mudanças na concepção de leitor	37
O aprendizado da leitura na tela	38
A competência crítica	40
A leitura na tela nas sala de aula	41
Sites e aplicativos para leitura – e para autoria infantil	42



45

3. MAIS OPORTUNIDADES PARA A LEITURA: OS LIVROS NÃO FICCIONAIS NA ESCOLA

A formação do leitor - a inclusão da leitura de textos não ficcionais	47
Dicas para escolha de livros não ficcionais	49
Algumas sugestões de títulos	51



96

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

58

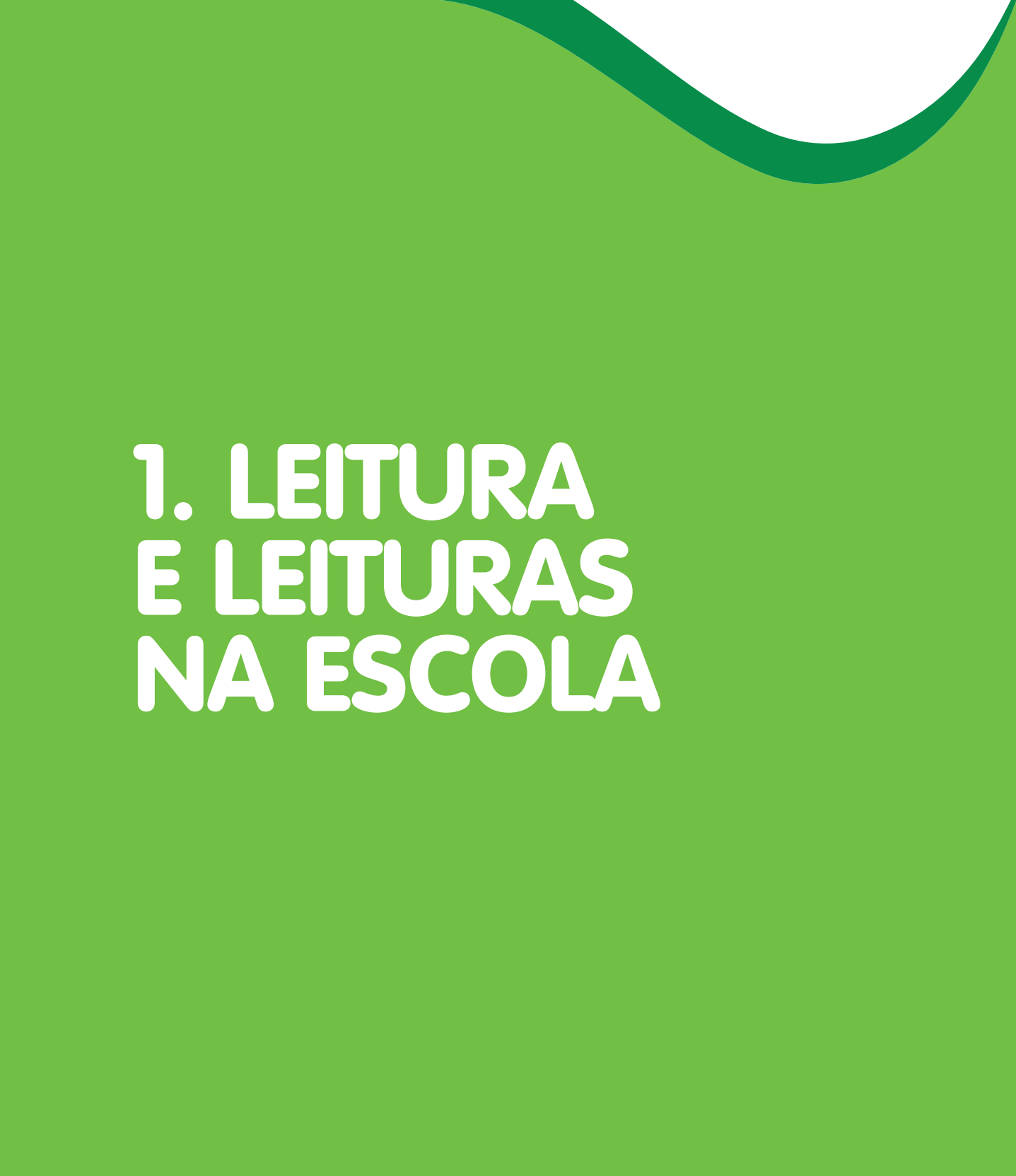
4. LENDO IMAGENS: O LIVRO-ÁLBUM E A HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A importância da leitura da imagem	59
Afinal, o que é livro-álbum?	67
Alguns exemplos de livros-álbum	68
Do livro-álbum à história em quadrinhos	88
Um panorama sobre a linguagem gráfica da história em quadrinhos	89

97

ANEXOS

1. Diretor - sugestões de ações para o fortalecimento da leitura	99
2. Coordenação pedagógica - sugestões de ações junto aos mediadores de leitura	102
3. Práticas nos espaços de leitura	106
4. Dicas para leitura de livro-álbum	110
5. Dicas para ler uma história em quadrinhos	124



1. LEITURA E LEITURAS NA ESCOLA

Hoje em dia, exige-se do leitor muito mais competência leitora do que pouco tempo atrás. Há muito mais o que ler, produzido com recursos diversos, com a variedade exigida pela tecnologia, que ampliam e aceleram a comunicação. Há mais textos e mais suportes em todas as línguas – e, com eles, muitos recursos gráficos adicionais. A produção, a distribuição e o intercâmbio de dados evoluem freneticamente. O leitor, mergulhado nesse universo de informações e interações, vê sua necessidade de competência multiplicada, além de aumentar sua necessidade de ler de forma crítica. Esses fatores acentuam o valor dos espaços de leitura na escola, que se revela como um conceito e um lugar que pode ajudar a responder a essa demanda.

O Brasil caminha em direção ao cumprimento da meta de prover todas as escolas com uma biblioteca ou sala de leitura. Caminha para que os gestores das escolas públicas – e também das escolas privadas – coloquem um acervo à disposição da comunidade, com pelo menos um livro para cada aluno matriculado.

Mesmo não contando de imediato com um espaço exclusivo para constituir esses ambientes, são muitas as razões para a escola formar um acervo e disponibilizá-lo aos alunos, como os fundamentais “cantinhos de leitura” nas salas de aula – representantes da produção cultural e provedores de variados portadores para a prática de leitura.

Sempre se afirmou que um dos fatores determinantes para uma boa leitura é a familiaridade das crianças com a cultura escrita, e são muitos os estudos que defendem que viver em um ambiente leitor e conviver com livros possibilita leitores mais fluentes e que leem com mais competência. Cada texto lido de forma reflexiva, seja um documento, um jornal, uma obra científica ou de ficção, estende pontes ao leitor, tanto para conhecer e compreender culturas quanto para compreender seu universo interior.

A prática da leitura cotidiana, nas inumeráveis experiências de vida – e isso também vale para as crianças –, desperta curiosidades, elucida, costura interações, fortalece o enfrentamento das variadas situações de vida e o sentido da existência. Ler amplia o repertório vocabular, expande as estruturas linguísticas, habilita para a compreensão leitora, para a habilidade crítica e para as possibilidades de discurso competente.

Por essas razões, a escola se reafirma como ambiente oficialmente responsável por cultivar o valor da leitura. Ambiente destinado a disponibilizar um acervo de qualidade, para uso de cada criança, de cada sala e do coletivo em propostas que espelhem as práticas sociais de leitura – de forma que assim possam compreender, pelo uso comunicativo, o que é ser leitor, valendo-se de comportamentos de leitores “reais” –, que leem poemas para se encantar e depois produzir os próprios, para divulgar no mural da escola ou dizê-los em saraus; que buscam nos índices dos livros de

pesquisa em qual página encontrar informações para produzirem uma pequena enciclopédia a ser distribuída nas salas dos menores ou para responder a uma curiosidade sobre um animal da região da sua escola; que leem jornais com o professor, selecionando as manchetes e lendo notícias que interessam ao grupo, para produzir o próprio jornal, divulgando notícias da escola e do bairro ou propagandeando brinquedos seminovos na coluna “troca-trecos” que desejam socializar.

É essa escola que necessita fortalecer suas ações, planejando-as, para que os dados indicados em pesquisas sobre competências em leitura avancem, anunciando progressivo aumento do número de leitores no Brasil. Que se amplie a quantidade de pessoas com poder de influência sobre as crianças e jovens na prática da leitura!

Se aqui nosso foco é a instituição escola, nos cabe reafirmá-la como um cenário importantíssimo para formação de leitores. Por esta razão, instala-se em nós a inquietante pergunta: o que a escola pode fazer?

Neste capítulo, investimos em algumas respostas, por meio de reflexões e propostas de leitura, incluindo os vários atores da comunidade escolar, reconhecendo a escola como um potente contexto de influências e de aprendizagem. Que esse ambiente assuma a responsabilidade de atender ao direito das crianças à cultura letrada, disponibilizando portadores de textos como ferramentas e organizando eventos comunicativos para que os alunos se construam como verdadeiros cidadãos.

Neste documento, na seção **Escola, uma comunidade leitora**, expomos a concepção sobre comunidade de leitores, tendo a escola como centro irradiador e dinamizador da prática de leitura, destacando o valor da convivência das crianças em ambientes letrados. Nesse interjogo figuram a escola, a família, programas, situações e espaços de manifestações culturais possíveis de serem frequentados pela escola e pelas famílias.

Ações entrelaçadas: diretor, coordenador pedagógico, professores e outros mediadores de leitura é a seção que destaca esses atores como corresponsáveis por sustentar um cotidiano de leitura junto às crianças – cada um no seu papel e todos com um só objetivo, atuando na promoção da leitura. O item se subdivide, colocando foco em cada um desses atores, com práticas gerais específicas em parcerias, detalhadas em seguida na seção dos **Anexos**, com propostas práticas de caráter institucional e pedagógico.

A seção **Em espaços amplos ou reduzidos – é sempre tempo de livros e de leitura** apresenta os ambientes coletivos de leitura na escola como o grande continente do acervo impresso e digital, que imprime na instituição a marca do valor atribuído à prática da leitura. O anexo “Práticas nos espaços coletivos de leitura” sugere atividades individuais e coletivas a serem encaminhadas pelos mediadores.

Escola, uma comunidade leitora

A essencial condição para se formar um leitor é conviver com leitores, com livros e com outros suportes de leitura, desde a primeiríssima infância, explorando-os, tentando ler ou lendo e presenciando a leitura dos mais velhos – ou seja, iniciar a vida convivendo em um ambiente familiar leitor. Mas isto ainda não é realidade para grande parcela das famílias brasileiras. Por várias razões: o baixo nível socioeconômico, a baixa escolaridade de muitos pais ou o valor ainda não atribuído à leitura, que independe do poder aquisitivo que se tenha. Nesses contextos, o papel da escola pode ser determinante para suprir as desigualdades de oportunidades.

Juntamente com as ações que podem ser desenvolvidas na escola, há iniciativas da população e instituições governamentais ou não governamentais que contribuem com essa formação. Muitas comunidades realizam saraus, em que se declamam poemas, e também se promovem Clubes de Leitura gratuitamente. Há bibliotecas públicas em grande parte das cidades brasileiras, para que toda a população possa frequentar sem custo financeiro, além de inúmeros projetos de leitura criados pelo terceiro setor – aos quais as famílias podem estar atentas, nas localidades onde moram, para usufruir dos benefícios desses empreendimentos pelo Brasil afora.

Além dessas oportunidades, reforçando a ideia sobre o quanto é desejável e necessário que todas as crianças cresçam em um entorno com livros, fará muita diferença se a escola se constituir como comunidade leitora, o que significa, ao mesmo tempo, responsabilizar-se, juntamente com outros espaços sociais, pela formação do ser humano. Isto porque a leitura – especificamente a literária, tem o homem como foco primordial, na sua capacidade de agir, sentir, odiar, amar, transformar, sonhar; o homem em todas as suas dimensões, espelhado nas páginas dos livros, em que o leitor se faz viver, na pele do outro, todas as questões existenciais.

É essencial a escola repensar seu papel, no esforço de garantir ao seu público o acesso aos bens culturais, como a literatura. Se as ações de leitura marcarem presença na escola de forma especial, certamente fará a diferença para cada uma das crianças e jovens. E, como verdadeira comunidade, fará diferença a todos que convivem nesse espaço privilegiado.

Vale observar: comunidade leitora é um grupo de pessoas, de igual ou diferentes faixas etárias, que leem ao mesmo tempo ou em tempos diversos, em um mesmo espaço ou em espaços diferentes. Na escola, pessoas que leem nas salas de aula, que ocupam os *espaços de leitura*² e leem também no pátio, individualmente ou em eventos coletivos; que leem com objetivos diversos, como curiosidade, por necessidade ou pela satisfação em ampliar conhecimentos. Uma comunidade leitora caracteriza-se por ser composta por leitores que conversam sobre o que leem, opinando, indicando livros, comentando sobre autores e sentindo prazer nessa troca. Pessoas que têm a leitura como valor – e que a buscam como direito. Neste documento, trataremos de situações que colaboram para a constituição desse grupo interessado pela leitura e pela sua prática no cotidiano escolar.

A constituição de uma comunidade leitora na escola pode ser uma das ações planejadas e documentadas oficialmente no seu Projeto Político Pedagógico. Tal iniciativa pode significar transformações nas práticas pedagógicas de leitura que, além do envolvimento dos gestores, de professores e de alunos, aproximará os demais funcionários da escola, também as famílias e até a vizinhança nesse “clima leitor”.

O desafio será o de discutir o papel da escola no envolvimento das famílias, para que integrem essa comunidade, para que possam reconhecer a escola como um centro de leitura, um lugar de encontros e troca entre leitores, do qual façam parte, e reconheçam o quanto suas contribuições são bem vindas.

As famílias serão atraídas e convidadas a participar do projeto por meio de divulgação nos murais da escola, da comunicação nas reuniões de pais sobre atividades a serem realizadas, por bilhetes e convites levados pelos alunos – e filhos – e em conversas no portão da escola com o diretor, com os professores e o coordenador pedagógico. As ações da gestão para mobilização das famílias são essenciais para o fortalecimento do vínculo com a escola e para o favorecimento da valorização das ações de leitura no espaço doméstico.

²Embora muitos espaços na escola possam acolher leitores, neste documento estamos denominando a biblioteca e a sala de leitura, especificamente, como “espaços de leitura”, para além da sala de aula.

Ações entrelaçadas: diretor, coordenador pedagógico e demais mediadores de leitura na escola³

O envolvimento dos profissionais da escola nessa empreitada da educação leitora das crianças reverte positivamente para a aprendizagem delas em todas as disciplinas, além de repercutir em muitas das questões educacionais. E será ainda mais produtivo se sustentado por um clima construído pelo diretor e pelo coordenador pedagógico que convida os pequenos e jovens a frequentar diariamente a escola, e que tenha o firme propósito de que os professores estejam diariamente presentes. Será bastante produtivo direcionar professores com perfil especial para atender os alunos mais vulneráveis, assim como garantir a permanência do professor e dos alunos na mesma turma durante o ano letivo, garantir que os alunos tenham orientação segura de bons materiais didáticos e um belíssimo acervo nos espaços de leitura que possa circular pelas pequenas bibliotecas das salas de aula.

Será muito valioso destinar aos espaços de leitura mediadores responsáveis com perfil profissional para exercer a função, que se interessem por realizar projetos e por orientar leituras, por acompanhar pesquisas e manter o acervo organizado. Espaços de leitura exigem dinamismo e vivacidade. Em uma comunidade leitora, será o coração da escola.

Em um ambiente assim constituído, cada profissional contará com a parceria do outro, responsabilizando-se pelo projeto pedagógico da escola, todos envolvidos nessa empreitada da educação leitora das crianças

³Estamos considerando mediadores de leitura todos os profissionais que leem para as crianças - professores de sala de aula, professores de sala de leitura e bibliotecários -, promovendo um diálogo entre elas, a obra e o próprio mediador.

O diretor: condições gerais a serem garantidas

Como premissa mais elevada, compete ao grupo de profissionais da escola, liderados pelo diretor e pelo coordenador pedagógico, garantir condições para que o livro e a leitura façam parte, efetivamente, da vida dos estudantes. Para tanto, algumas ações de caráter mais geral poderão estruturar esse continente com solidez.

A condição primordial é assegurar que os livros que chegam à escola, comprados, doados ou recebidos de programas governamentais, como os do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola)⁴, sejam catalogados e circulem produtivamente no ambiente escolar. Uma vez com os livros, importa garantir espaço qualificado para acomodar o acervo: limpo, agradável, organizado – porque cuidados dessa ordem comunicam que essa escola valoriza a leitura.

Com o processo de uso das obras, é essencial assegurar que o acervo seja preservado – e quando cada livro, de tão manuseado, precisar ser repostado, que a substituição dele seja providenciada. Como novos títulos são necessários para atender os leitores – e continuar mantendo o interesse por leitura –, é recomendável valer-se de parte dos recursos financeiros institucionais para ampliar, periodicamente, o acervo, contando com a indicação de títulos de qualidade pelos coordenadores pedagógicos e pelos professores.

Assegurar as portas abertas dos espaços de leitura torna-se básico, pois é contraprodutivo o profissional responsável faltar muito ou, por outras razões, não se garantir uma rotina segura de atendimento.

⁴O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) distribui materiais de apoio à prática da Educação Básica às escolas de ensino público, para os segmentos Educação Infantil (creches e pré-escolas), Ensino Fundamental, Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os acervos são constituídos de obras de literatura, de pesquisa e de outros materiais de estudo, visando à democratização do acesso às fontes de informação, ao fomento da leitura e à formação de alunos e professores leitores. Além disso, há acervos destinados à formação e ao aprimoramento da prática pedagógica e a conhecimentos didáticos dos educadores.

Nesse contexto de decisões, realizações e atribuições de papéis, disponibilizamos no documento Anexo 1 “Diretor - sugestões de ações para o fortalecimento da leitura”, sugestões de ações mais específicas sob a liderança do diretor escolar.

Objetivando acessar espaços leitores além do espaço escolar, será bem-vinda a decisão de estabelecer parcerias com bibliotecas públicas próximas ou com bibliotecas comunitárias e outros espaços culturais, para se conhecer o acervo, entrevistar os responsáveis, emprestar livros, participar de eventos, fazer parte de projetos e frequentar exposições que enriqueçam as experiências estéticas das crianças. É produtivo que a escola compartilhe com as famílias o funcionamento desses espaços e suas possibilidades de uso, incentivando que os indiquem e também os frequentem com os filhos.

Focalizando a equipe de educadores, o diretor, em parceria com o coordenador pedagógico, cumprirá um dos seus mais importantes papéis ao garantir, na formação continuada dos professores, estratégias formativas que os coloquem em situações de análise de livros, discutindo critérios de seleção, trocando opiniões sobre as escolhas de leitura aos alunos, construindo assim novos observáveis sobre o acervo disponível na escola⁵.

O diretor realizará importante trabalho, liderando projetos de leitura voltados à comunidade escolar, envolvendo todas as salas, todos os funcionários e as famílias, juntos ou separadamente.

⁵Para apoiar esta ação, a FSM e a Comunidade Educativa CEDAC produziram um livro — Caderno de orientações para uso do PNBE — que pode ser acessado aqui: <www.comunidadeeducativa.org.br/wp-content/uploads/2015/06/123.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

O coordenador pedagógico e seus parceiros

– os mediadores de leitura

De forma ampla, como gestor pedagógico cujas ações se fortalecem na parceria estabelecida com o diretor, cabe ao coordenador, junto aos mediadores de leitura, encaminhar ações que correspondam às concepções de ensino da escola e respondam aos objetivos de aprendizagem dos alunos.

Para que o ensino da leitura ganhe consistência e relevância, o coordenador e os mediadores de leitura – sejam os professores de sala de aula, sejam os profissionais dos ambientes de leitura (professores de sala de leitura ou bibliotecários) alimentarão as ações pedagógicas com reflexões que as qualifiquem progressivamente. Assim, as atividades planejadas serão realizadas e avaliadas, inter-relacionando os encaminhamentos dos mediadores com as aprendizagens dos alunos. Desta forma, a reflexão sobre o que os alunos precisam ainda aprender direcionará os planejamentos das ações dos mediadores, constituindo-se como um movimento contínuo de ação-reflexão-ação.

Nessa prática, o coordenador pedagógico estabelecerá parceria com os mediadores de leitura, especificamente, focalizando aspectos das aulas a serem discutidos com cada um, em grupos por segmento escolar ou em reuniões coletivas. Esse é um precioso movimento que faz parte da formação continuada em serviço para aprimoramento constante de profissionais comprometidos com a aprendizagem dos alunos.

Como muitas vezes a sala de aula fortalece sua prática estendendo ações para os espaços de leitura – e vice-versa –, os profissionais desse ambiente muitas vezes trabalharão em parceria. Havendo tais espaços coletivos, o coordenador pedagógico discutirá com os mediadores a organização física do ambiente, a organização dos materiais e as ações que ali se realizam.

**No documento Anexo 2
“Coordenador
pedagógico, ações
pontuais junto aos
mediadores de leitura”,
disponibilizamos
propostas de ações
formativas no
contexto da leitura.**

Tratando-se do apoio aos alunos, discutirão como orientá-los na busca de títulos e de outros materiais de pesquisa, individualmente ou em grupos, para conhecerem os livros das diferentes seções, aqueles adequados à pesquisa que desejam realizar. O coordenador discutirá com os mediadores sobre a importância de sugerir leituras ficcionais aos alunos e também formas de divulgar para toda a escola os novos títulos, recebidos ou adquiridos, como efetivas preciosidades.

Será bem interessante discutir o planejamento das sessões de leitura para todos os segmentos: em agrupamentos organizados, com horários definidos, combinados com os professores. Os espaços de leitura, assim organizados, são essenciais para fortalecer o sentido de pertinência a uma coletividade, em que um aluno pode se reconhecer no outro como leitor.

Em espaços amplos ou reduzidos - é sempre tempo de livros e de leitura

Felizmente, nos últimos anos, o livro está mais presente nas escolas, pois o mundo da educação brasileira viu intensificar encaminhamentos que amparam e se prestam à qualificação do ensino da leitura. Políticas educacionais foram criadas ou transformadas a esse favor, provendo as escolas de acervos de qualidade, com obras de ficção, de pesquisa e de referência, selecionadas por equipes de mestres e doutores de universidades federais, e que podem ser motivo de orgulho à comunidade de educadores.

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) é um dos representantes desse valioso empreendimento, que, além de prover as escolas com livros, atlas, globos terrestres, dicionários, entre outros, veio produzindo ao longo dos anos materiais de apoio ao uso do acervo⁶, como o *Guia do Livronauta, História e Histórias, o Catálogo Literatura na Infância: imagens e palavras*. É um rico acervo a ser consultado, enriquecido em 2015 pelo *Caderno de orientação para o uso pedagógico e formativo dos acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola* (citado anteriormente), realizado pela Fundação SM, em parceria com a Comunidade Educativa CEDAC.

Também merece destaque o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira (com exceção da Educação Infantil). Uma equipe de especialistas zela pela avaliação das coleções, produzindo um guia que orienta a escolha do título adequado ao projeto político-pedagógico da escola, ao aluno, ao professor e à realidade sociocultural das instituições. É o livro didático que muitas vezes faz a ponte entre um texto ou um autor com outros livros e autores disponibilizados no acervo escolar.

⁶Podem ser acessados pelo endereço: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>, Acesso em: 27 ago. 2016.

Tendo um bom acervo, os locais destinados prioritariamente a acolhê-los são os espaços de leitura, na escola, privilegiados para o contato entre leitores e livros. Para muitas crianças e jovens, essa será a primeira oportunidade para terem à mão um número tão significativo de obras e tantas possibilidades: livros para todas as idades, escolhidos com cuidado em meio à vasta oferta do mundo editorial; livros de narrativa, de poesia e não ficcionais – sobre assuntos curriculares, claro, mas também sobre tudo que possa atrair e interessar – e em quantidade tal que dificilmente poderiam ser adquiridos pelas famílias para se ter em casa.

É necessário considerar, porém, que, embora haja escolas onde esse ambiente ainda não foi estabelecido, pode-se buscar outras soluções temporárias até se atingir o objetivo do espaço exclusivo aos livros. O acervo existente poderá ser abrigado de variadas formas: nas pequenas bibliotecas das salas de aula, rodiziando os títulos periodicamente; em bancadas, em armários nos corredores; em carrinhos de diversos tipos, que circulam tanto pelo pátio no intervalo quanto pelas salas durante a aula. Com o importante cuidado: que cada livro esteja preservado, que o conjunto esteja bem organizado.





Quanto aos títulos, muitas vezes os espaços de leitura podem incorporar ao acervo um livro que talvez não seja excepcional, mas que sabidamente pode ajudar um leitor a melhorar na leitura e levá-lo a ler, mais tarde, obras mais ambiciosas. Também devemos ter a preocupação de oferecer gêneros e estilos variados, uma vez que os gostos também são. Além de contar com um bom conjunto de obras de ficção, podemos promover a leitura de livros-álbum entre leitores de todas as idades, incentivando a leitura entre aqueles que ainda não são tão experientes e que dessa forma contarão com o apoio da imagem (no Capítulo 4, “Lendo imagens: o livro álbum e a história em quadrinhos”, encontra-se informação mais detalhada sobre esse tipo de livro). E, claro, devemos oferecer certa variedade de obras de conhecimentos sobre assuntos diversos, que possam ser consultadas pelos vários tipos de leitores, principalmente os que não são fãs de ficção, mas gostam de descobrir coisas novas (no Capítulo 3, “Mais oportunidades de leitura: os livros não ficcionais na escola”, há também mais dados a respeito).





Quando possível, os espaços de leitura devem contar não apenas com materiais impressos, porque cada vez mais os meninos e meninas ficarão curiosos por ler nas telas, portanto, também será preciso pensar em uma seleção de recursos digitais (livros ficcionais e não ficcionais), que possam ser consultados na escola, mas que também possam ser baixados em outros dispositivos eletrônicos de leitura, permitindo diversificar as experiências das crianças leitoras. Isso pode parecer novidade, mas em breve será o material mais abundante, é o caminho natural.

Se, como afirmam estudos internacionais, desfrutar da leitura é uma condição prévia para motivar os alunos (OCDE, 2010)⁷, uma das funções dos espaços de leitura – sejam eles amplos ou reduzidos – deve ser, justamente, contribuir para que nossos jovens tenham experiências gratificantes de leitura. Um espaço em que são levados em consideração as preferências e os ritmos pessoais de leitura, onde se lê de maneira livre, onde é permitido mexer, selecionar e escolher, finalmente, uma leitura ou outra entre as muitas possibilidades disponíveis, inclusive para empréstimo.

⁷A Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) é uma entidade que atua nos âmbitos internacional e intergovernamental e reúne os países mais industrializados do mundo e alguns países emergentes, como México, Chile, Coreia do Sul e Turquia. No âmbito da organização, efetua-se o intercâmbio de informações e alinham-se políticas. O objetivo é potencializar seu crescimento econômico e colaborar com o desenvolvimento de todos os demais países membros. Com sede em Paris, França, é um organismo composto por 34 membros. Embora não seja membro da OCDE, o Brasil figura como parceiro-chave, podendo assim participar de Comitês da Organização e de inúmeras áreas de trabalho.

Certamente, os amplos ou diminutos espaços de leitura têm um papel muito importante na construção da trajetória de um leitor, que, diante de um acervo de qualidade, irá perpassando por um repertório das leituras obrigatórias ou livres, adquirindo a prática necessária para ler com êxito todas essas obras.



Entre as páginas dos livros - as pessoas

Embora já tenhamos citado os mediadores de leitura e seu papel nesse relevante trabalho que a educação consequente necessita abraçar, escolhemos finalizar esta seção com um destaque: o acesso a um acervo rico e variado não levará, por si só, à consolidação da prática da leitura.

Para esse fortalecimento é necessário que haja pessoas que orientem as crianças e os jovens na escolha dos livros, com quem possam conversar sobre as obras e dividir uma experiência de leitura gratificante. Profissionais que conheçam os leitores, mas que também estejam a par do que está sendo publicado, que possam ajudar a escolher um livro e saibam como tornar a leitura uma prática mais interessante. Alguém comprometido com o projeto de leitura na escola e com uma visão ampla da leitura no mundo contemporâneo. Alguém que saiba juntar a vontade de ler – ou até mesmo a obrigação – ao livro adequado e que, apesar da associação automática que normalmente se faz entre leitura e ficção, entenda que as possibilidades são inúmeras e todas boas (BARÓ et al, 2011). Vale lembrar que os profissionais não “nascem” prontos, por isso muitos deles podem estar em formação ou ser convidados a desenvolver e se aprimorar nas competências indicadas anteriormente.

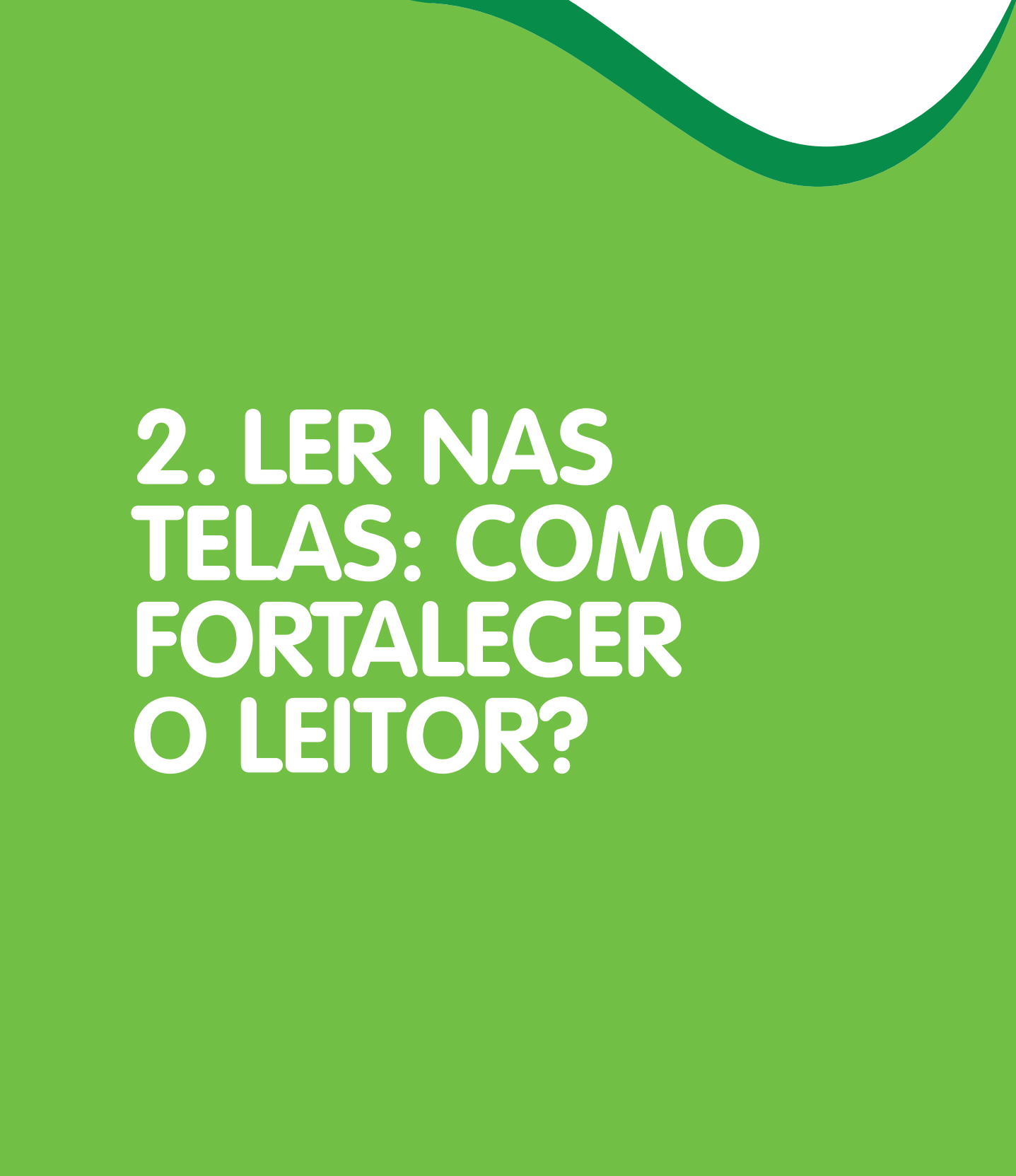
Importa destacar que a formação de mediadores de leitura, junto com a biblioteca no papel de formação de leitores, são consideradas pelo Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)⁸ como instância essencial para o desenvolvimento social e da cidadania. Ambos estão incluídos nesse plano como política pública, desde 2006, para fortalecimento do vínculo do aluno e do cidadão com a leitura.

⁸O Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) foi instituído por meio de Portaria Interministerial em 2006, pelos ministros da Cultura e da Educação. Faz parte das “diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil. Tem por base a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável”. Quatro eixos orientam a organização do Plano: 1. Democratização do acesso; 2. Fomento à leitura e à formação de mediadores; 3. Valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; 4. Desenvolvimento da economia do livro. Para mais informações, acesse: www.cultura.gov.br/documents/10883/1171222/cadernoPNLL_2014ab.pdf/df8f8f20-d613-49aa-94f5-edebf1a7a660. Acesso em: 27 ago. 2016.

No Anexo 3, “Práticas nos espaços coletivos de leitura”, apresentamos sugestões de ações e atividades junto aos estudantes, fortalecendo sua formação leitora.

É fácil imaginar o quanto as vivências nos espaços de leitura, com ricos acervos e com mediadores de leitura competentes, podem significar a uma criança em cujo lar não há livros e que lê apenas o que o professor indica. Podem significar crianças socializadas e também confortáveis na solidão necessária à leitura de um livro sedutor, sentindo-se convidadas a comentar o que leem, a trocar impressões, emoções e reflexões sobre o que um autor pode provocar com sua criação.

O mais essencial, para que todo um aparato de possibilidades se efetive, é as crianças e os jovens poderem contar com uma equipe de pessoas zelosas e comprometidas (que inicia com o diretor escolar e perpassa por todos os funcionários e envolve também estudantes), garantindo que a leitura ocorra de fato, diariamente. Que os livros, em qualquer espaço que estejam, recebidos de programas governamentais e por outras vias, sejam oferecidos aos meninos e meninas como um nobre e obrigatório nutriente cultural.



2. LER NAS TELAS: COMO FORTALECER O LEITOR?

As inovações tecnológicas da informação ampliam-se a cada dia, e no mundo todo vêm transformando as condições de vida e as relações sociais – tanto daqueles que podem ter acesso aos aparelhos quanto aos que não podem –, uma vez que indústria, comércio e mídia já não sobrevivem nas suas expertises sem as novas tecnologias.

Algumas políticas governamentais de informática na educação vêm tentando incorporar recursos a favor de uma escola pública brasileira que inclua meninos e meninas no contexto tecnológico, na busca de qualificar a educação, incluí-la no contexto contemporâneo e minimizar a exclusão em que estão mergulhadas muitas crianças.

Nesse caminho da democratização do acesso à tecnologia da comunicação e informação, é essencial a clareza de que apenas a existência de equipamentos, como computadores nas escolas, não qualifica por si o ensino nem melhora o desempenho escolar de seus estudantes. Para que, por exemplo, os computadores e a internet façam diferença na aprendizagem, espera-se que os programas governamentais continuem investindo e aparelhando as escolas, e também garantam apoio para sua utilização qualificada, relacionando a prática pedagógica e esses novos contextos. Depois, cabe à equipe pedagógica integrá-los ao Projeto Político Pedagógico da escola, investir na formação dos professores para o uso, monitorar e avaliar o planejamento das atividades – que certamente têm o poder de envolver os alunos, pela sedução que produz e pelas possibilidades de aprender e assim se valorizar.

Resolvida a questão da infraestrutura, seja equipando a escola, seja garantindo alguns computadores nos espaços de leitura e sua manutenção, algumas possibilidades de uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) com fins educativos existem e podem fazer a diferença na aprendizagem.

O desafio de ensinar a ler e a ser leitor na era digital

Há uma tendência de que nossos alunos do Ensino Fundamental vivam cada vez mais em um mundo digital, interativo e repleto de telas brilhantes. Para parte desses estudantes, a rotina familiar e as atividades de lazer fora da escola começam a girar em torno dos dispositivos tecnológicos: desenhar com o dedo em *tablets*, jogar *videogames* cada vez mais sofisticados, utilizar notebooks para ler, brincar com jogos e procurar músicas *on-line* em *smartphones*. Crianças mais velhas começam a descobrir a magia da comunicação instantânea eletrônica por meio da troca de mensagens por aplicativos de comunicação.

São crianças e jovens tratados por Mark Prensky (2010) como “nativos digitais”, que nasceram nos tempos de *sites* de busca, rodeados de aparelhinhos inteligentes e táteis, cada vez mais imersos nas novas paisagens da sociedade *on-line*.



Essas crianças, chamadas de “geração Net” ou “geração digital interativa”, estão tendo a oportunidade de desenvolver uma agilidade espetacular no manejo intuitivo das novas tecnologias, principalmente no que se refere à parte mais técnica, que acabam dominando na base da persistência, por tentativa e erro. Mas esses alunos que nasceram na era do *wireless* e da cultura digital também são, como afirma Genís Roca (2012), “órfãos digitais”, que estão crescendo na rede sem a orientação de seus pais. Até que ponto sabem usar de forma saudável os dispositivos tecnológicos que os cercam para crescerem sãos e fortes e *on-line*? Até que ponto dominam ou são dominados pelo mundo audiovisual? Até que ponto sabem aproveitar as infinitas oportunidades que a rede oferece, para aprender, socializar e crescer? Todos concordamos que é preciso orientá-los e que, nesse sentido, a escola tem muito a fazer.

Primeiramente, os espaços escolares providos de equipamentos tecnológicos – como no caso dos espaços de leitura – são lugares e oportunidade de muitas crianças interagirem com materiais que não possuem em casa. E com os colegas e o professor, a oportunidade de reconhecerem o significado social da informatização, fazendo uso de ferramentas que concretizam o que lhes é de direito como mais uma conquista de cidadania.

Na sociedade da comunicação e informação em que nossos alunos vivem, a escola cumpre o papel de responder às novas necessidades de formação em alfabetização digital. Hoje em dia, ler na rede tornou-se uma atividade mais complexa e diversificada que ler em papel porque, embora o acesso à informação seja mais acessível, é muito mais difícil dar sentido e significado completo (CASSANY, 2006). Se pararmos para pensar, a tecnologia do livro impresso – hoje tão incorporado em nosso cotidiano – quando surgiu deve ter causado mudanças e estranhamentos graças à alteração do suporte escrito, passando do osso, pedra, pele de animais, pergaminho para o códex. A mudança do suporte via avanço tecnológico traz desafios e potencialidades. A escola não pode negar essa realidade: tem de arregaçar as mangas e possibilitar que seus alunos sejam leitores cada vez melhores, assim como bons usuários da internet, e que a leitura em papel conviva, na sala de aula, com as novas formas de ler e aprender na tela.

Neste capítulo, veremos quais são as particularidades da leitura na tela, que conhecimentos são trabalhados, e veremos algumas propostas para a introdução das telas nas aulas do Ensino Fundamental, aproveitando seu potencial pedagógico.

Mudança do suporte utilizado para a leitura

O surgimento de novos dispositivos eletrônicos para leitura é, certamente, um dos elementos que melhor definem a cultura digital. Entretanto, podemos escolher ferramentas de leitura diversas para ler com mais comodidade toda a variedade de textos que temos à nossa disposição. Quais são as formas de leitura possíveis nos novos dispositivos e formatos digitais? O quadro abaixo enumera alguns suportes de leitura eletrônicos, descreve o que se pode ler em cada um deles e as particularidades de cada dispositivo.

Novos dispositivos eletrônicos: funcionalidades e particularidades		
Dispositivo eletrônico	O que se pode ler nele?	Particularidades
Computador, laptop e netbook – computadores portáteis, máquinas que processam informações eletronicamente.	PDF Vídeo E-mail Hipertexto (com internet) Multimídia Filmes	Hardware potente Conexão a cabo ou Wi-Fi
Lousa digital – é como uma enorme tela de computador, sensível ao toque. Pode-se preparar a apresentação de programas comuns de computador e complementar com links de sites, navegar na internet, também criar ou utilizar jogos e realizar atividades interativas.	PDF Livros digitalizados Hipertexto (com internet) Multimídia Filmes	Tela multitátil

E-reader eletrônico – pequeno aparelho com a função principal de mostrar na tela o conteúdo de livros digitais (e-books) e outros tipos de mídia digital.	PDF Livros digitalizados Livros digitais (e-book)	Tinta eletrônica Baixo consumo de energia
Tablet – tipo de computador portátil, de fina espessura e com tela sensível ao tato. Permite conectividade com internet, para acessar sites, e-mails, redes sociais; guarda muitas informações em pouco espaço; permite a utilização de jogos, galeria de fotos, e pode funcionar de maneira semelhante para leitura de livros digitais como os e-readers.	PDF Livros digitalizados Livros digitais E-mail Audiolivros Hipertexto (com internet) Multimídia Filmes Jogos	Tela multitátil Portátil Hardware potente Capacidade multifacetada Conexão a cabo ou Wi-Fi
Smartphone ou telefone inteligente – variação avançada de celular, possui características de computadores, permite conexão com internet, sincronização de dados, além de comportar uma agenda de contatos; assemelha-se ao e-reader, pois possibilita leitura de e-books.	PDF Livros digitalizados Livros digitais E-mail Audiolivros Hipertexto (com internet) Jogos	Tela multitátil Portátil Capacidade multifacetada Conexão a cabo ou Wi-Fi

Mudanças na forma de conceber o texto

Tradicionalmente, o texto era concebido como um conjunto articulado de palavras escritas que formava um discurso unitário com uma mensagem. As novas tecnologias da comunicação, no entanto, e os recursos de expressão multimodais que elas oferecem, provocaram uma ampliação do conceito “texto”, que agora já não se apoia apenas na língua escrita, mas nos significados, que podem ser transmitidos por meio de linguagens diversas (a língua oral, a imagem, o som etc.). Além disso, a internet expande o repertório de textos que podemos ler e transforma as características que possuíam nos meios usuais anteriores.

Quais são os elementos que melhor definem os textos digitais que lemos na tela?

A multimodalidade e o texto multimídia. Os textos digitais são multimodais porque integram à escrita diversas formas de representação dos significados: a imagem, o áudio, o audiovisual, o desenho e até a realidade expandida em 3D.

Boa parte dos textos que lemos na internet se aproxima da linguagem audiovisual que fazia parte exclusivamente do cinema. A multimodalidade “dá vida” aos textos digitais e os transforma em textos ou documentos multimídia.

A hipermídia. A rede é um espaço orgânico de conteúdos que relaciona e articula textos por meio da atribuição de um link hipertextual, definindo uma “rede” de documentos e espaços virtuais conectados. Inicialmente, o conceito de “hipertexto” representava a ideia de uma rede de textos organizada de forma não linear. O conceito de “hipermídia” é uma evolução do “hipertexto” e enfatiza a ideia de que os textos da rede são multimídia.

A intertextualidade. A facilidade de acesso aos conteúdos da rede levou a um aumento da relação entre os documentos disponíveis *on-line*, de forma que hoje há mais citações e alusões entre os textos.

Os novos gêneros digitais. A internet provocou o surgimento de novos gêneros textuais que agora lemos e escrevemos com naturalidade, como o chat, o e-mail, os fóruns virtuais e os blogs.

Mudanças na experiência da leitura

As mudanças relacionadas aos suportes de leitura e às características dos textos digitais vêm desencadeando também novas situações e experiências de leitura, além de novas dinâmicas de processamento do texto escrito. “Há uma exigência de que o leitor assuma um papel mais ativo, pois além do processo de construção do significado do texto, há novas demandas de participação na prática social de ler.” O que mais está mudando na forma de ler e de dar sentido à leitura?

A leitura seletiva

- Textos em formatos digitais diferem da linearidade presente na maioria dos textos em papel – com leitura em sequência, organização em volumes, capítulos e parágrafos.
- A leitura do texto digital torna-se um pouco mais descontínua, mas o aprendizado torna-se mais global e significativo para o leitor, uma vez que se adapta às suas necessidades.
- O texto digital está vinculado explicitamente a outros textos multimídia da rede.
- Está constantemente forçando o leitor a tomar decisões sobre o que ler, para onde dirigir sua atenção, o que assimilar e com quem compartilhar.

A tatilidade

- Alguns dos novos dispositivos eletrônicos têm telas de vidro transparente com uma lâmina que permite que o leitor interaja diretamente com o toque dos dedos, que a tela interpreta como um “click”.
- A tela tátil recebe os comandos (por exemplo, deslizar o dedo indicador, fazer um zoom com a ponta de dois dedos) e é também a superfície em que vemos os dados.
- A tatilidade nos remete à nossa essência – nos leva a realizar movimentos intuitivos e primários (as crianças pintam com os dedos, tocam para conhecer as coisas).
- O tempo entre o toque e a resposta que aparece na tela é quase imediato.

A conectividade

- A *internet* oferece aos usuários novos contextos de interatividade e socialização com outros usuários.
- A interatividade é mediada pela atividade de ler e escrever (em blogs, fóruns, chats e plataformas virtuais).

A natureza multimídia

- Pode-se escolher o dispositivo eletrônico que melhor se adapte aos objetivos de leitura.
- A diversidade de meios e suportes para ler também suscita situações de leitura bastante ricas (ler no sofá, no trem, no pátio da escola etc.; em um smartphone, em um laptop, em uma agenda eletrônica etc.).

Mudanças na concepção de leitor

As transformações decorrentes do avanço tecnológico também estão afetando nossas representações sociais sobre o que é um leitor e como ele se sente na sociedade da comunicação e informação do século XXI.

O leitor de ficção e o leitor de informação. O leitor de informação – aquele que lê jornais e *sites* – e que também entra em fóruns na internet para estar bem informado – está se tornando socialmente mais visível. O leitor de informação coexiste com o leitor de ficção, que, social e academicamente, sempre foi mais valorizado. Nesses novos tempos, os limites do que quer dizer “ser leitor” têm se expandido.

O papel ativo do leitor. A dinâmica da hipermídia e a conectividade própria da rede transforma o leitor em um agente ainda mais ativo do que o leitor de texto impresso, pois além de decidir sobre o quê, como e quando lê, decide também com qual dispositivo e com quem compartilha suas ideias.

O leitor/produtor e as comunidades virtuais. A partir da ideia desse novo leitor ativo mencionada anteriormente, constatamos que o leitor tem se tornado cada vez mais um “leitor/produtor”, isto é, um leitor que socializa ao escrever na rede, no contexto das comunidades virtuais, e que colabora com a produção de conhecimento aberto. No mundo *on-line*, ler e escrever são duas atividades indissolúveis. Os leitores podem ler o jornal e interagir com outros leitores no fórum, ler o blog pessoal de outros internautas e deixar um comentário por escrito, compartilhar sua opinião sobre algum assunto (um livro, um filme, um restaurante, um jogo etc.) em *sites* e fóruns, e até publicar uma nova informação ou complementar dados em enciclopédias digitais colaborativas como o Wikipédia ou traduzir um conteúdo.

O aprendizado da leitura na tela

A internet exige que desenvolvamos vários comportamentos necessários para sermos bons leitores e escritores *on-line*, diferentes daqueles que antes eram necessários para a busca de um livro na biblioteca. Uma pergunta importante que deveríamos fazer é: o que se aprende lendo na tela?

As habilidades de leitura na tela

Existem algumas habilidades eletrônicas relacionadas ao domínio do contexto comunicativo *on-line*. Daniel Cassany (2006) identificou quatro habilidades básicas que desenvolvemos ao ler em tela. Algumas talvez parecem muito básicas, como, por exemplo, usar o mouse ou o teclado, mas não podemos nos esquecer de que precisam ser aprendidas.

Habilidades de leitura na tela

Habilidades motrizes de informática: operar a máquina, os instrumentos de leitura e escrita (o mouse, o teclado, a tela, a webcam etc.) e os programas.

Habilidades de navegação na rede: encontrar informação nos *sites* de busca, pesquisar e ler documentos, movimentar-se através da estrutura reticular da rede, orientar-se nos links e saber avaliar de forma crítica a validade, confiabilidade e utilidade da informação.

Habilidades verbais: utilizar o registro linguístico próprio de cada gênero textual, seja ele escrito ou oral.

Habilidades visuais e auditivas: saber reproduzir arquivos de imagem e áudio.

As habilidades de navegação na internet são essenciais para entendermos a prática social de ler e escrever *on-line* e entendermos como os usuários se transformam em “pesquisadores” que buscam e utilizam a informação encontrada na rede para aprender, informar-se ou divertir-se (notícias de atualidade, interesses pessoais, história, informação sobre países, lugares, doenças etc.). Porém, **o simples acesso à informação não gera conhecimento**: o conhecimento do usuário só aumenta quando o leitor consegue dar sentido e se apropriar significativamente da informação a que tem acesso.

Há alguns perigos a que está exposto o internauta ao procurar informação na internet. Nesse sentido, a escola pode ajudar na formação de seus alunos. Daniel Cassany (2006) enumera alguns:

- A estrutura aberta da internet, sem censura ou controle, torna mais fácil a difusão dos pontos de vista de muitas pessoas, de forma que “o oceano de dados contidos na rede é infinito e inútil se não soubermos separar o joio do trigo”.
- A ideia principal, como já indicada acima, é que o simples fato de proporcionar informação não produz novos conhecimentos para o usuário: é preciso saber dar sentido à informação, ser consciente de que ela é cultural e ideológica e integrá-la aos próprios esquemas de conhecimento.
- A internet também permite o acesso a discursos produzidos em outros idiomas e outras culturas, cada uma delas com suas formas retóricas particulares de ver o mundo e descrevê-lo, de modo que nessa rede de tecnologias eletrônicas ocorrem choques culturais e mal-entendidos, em parte porque é mais difícil extrair o conhecimento subentendido nos textos e compreender os efeitos que eles provocam por meio da conotação das palavras (por exemplo, o humor ou a ironia).

A competência crítica

Os riscos expostos anteriormente exigem que os usuários naveguem na internet com competência crítica, isto é, com consciência de que os discursos não são neutros, mas ideológicos, de forma que representam um ponto de vista sobre o mundo que, acessados com tanta facilidade e consumidos rapidamente, podem silenciar o ponto de vista de outros. Tais aspectos parecem sinalizar ótimas oportunidades para a ação de professores em diferentes oportunidades no dia a dia da escola.

- O leitor crítico deve contar com estratégias efetivas de pesquisa, para não perder o rumo da navegação.
- Contar com estratégias para avaliar a informação encontrada: deve se questionar sobre os interesses que motivam o autor do texto; deve analisar a visão de mundo que há por trás dele e submetê-lo a outros pontos de vista; deve ser capaz de identificar incoerências ou imprecisões, avaliar o efeito e a conotação das palavras escolhidas pelo autor, assim como a consistência e validade dos argumentos, os exemplos ou os dados.

Em suma, ao ler e escrever em uma tela aprende-se muito! Como podemos contribuir, em nosso trabalho na sala de aula, para que esse aprendizado aconteça e seja sólido?

A leitura na tela nas salas de aula

As lousas eletrônicas já fazem parte de algumas escolas públicas brasileiras. Conectadas à internet e fixadas nas salas de aula, como grandes “telas de computador”, permitem ao professor demonstrar processos, apresentar imagens, trechos de filmes e documentários, além de criar propostas de estudo e jogos interativos. Há professores que já se aventuram na utilização variada desses recursos, outros ainda utilizam a lousa como um “simples data show”. É o universo da tecnologia se projetando na Educação e trazendo – felizmente – desafios aos educadores.

Há escolas que garantem o funcionamento dos computadores nas salas de informática e levam crianças frequentemente a esse espaço. Muitos professores utilizam computadores para realizar pesquisas pontuais e digitação, o que oferece variadas possibilidades a favor da aprendizagem.

Quando os alunos pesquisam, apoiados por intervenções do professor, precisam identificar informações adequadas aos seus objetivos de leitura, considerando a qualidade delas e enfrentando os desafios de linguagem. Deste modo, gradativamente aprenderão a comparar as fontes e a reconhecer as mais confiáveis. Aprenderão sobre a linguagem que caracteriza os variados gêneros; aprenderão a comparar e a selecionar informações. Com os conteúdos selecionados, precisarão organizá-los como texto. Durante a digitação, aprenderão sobre a estrutura da língua e suas possibilidades comunicativas. Os meninos com alguma fragilidade em relação ao sistema de escrita poderão aprender mais digitando, o que significa fortalecer seu percurso na alfabetização.

É certo que esse reino da informática se projetará cada vez mais na vida de nossas crianças e jovens – e é necessário que assim seja, mas que seu uso seja orientado, incluindo a escolha dos *sites* para navegação.

Apresentamos algumas indicações de espaços virtuais cujos materiais podem dar cara nova à aprendizagem nas salas de aula ou em situações de trabalho fora da sala, com pequenos grupos ou até mesmo com uma única criança.

Sites e aplicativos para leitura – e para autoria infantil

Milhares de conteúdos digitais publicados em livros, revistas, jornais podem ser lidos no computador, tablet ou smartphone. Há aplicativos e *sites* de compartilhamento desse tipo de publicação, que podem ser acessados, possibilitando visualizar tanto as publicações quanto – em alguns casos – publicar a própria produção.

Ao acessar as publicações, temos a mesma ação de leitura realizada virtualmente: com um toque sobre a capa, abre-se a publicação, tornando possível “folhear” as páginas de um livro, jornal ou revista virtual para usufruir da leitura, avançando uma página e voltando às anteriores. É comum o acesso aos conteúdos também por um menu e por um sistema de “busca” – que conduzem o leitor a assuntos diversos.



Exemplo de uma estante virtual. Crédito: ID/BR

Aproveitando a sedução da tecnologia, a importância de aproximar os alunos dessa linguagem e de que eles vivenciem a leitura com interesse, o *site Ciência Hoje das Crianças*⁹, espaço para a infância, da revista *Ciência Hoje*, oferece seções com textos científicos convidativos, pois despertam a curiosidade e trazem respostas sobre assuntos variados.

No *site*, as seções “Notícias”, “Colunas” e “O nome dos bichos” exploram assuntos como chuva, TV digital, hormônio do crescimento, funcionamento da respiração das baleias e dos golfinhos. A seção “Experimentos” orienta rápidas experiências, com materiais de fácil acesso. O “Blogue do Rex” traz um livro digital, para baixar gratuitamente. A seção “Revistas” permite acessar parte dos conteúdos da revista *Ciência Hoje das Crianças*. “Rádio” é uma seção em que a revista conversa com especialistas de áreas científicas, com músicos, escritores, autores que tiveram experiências interessantes, como a de morar em aldeia indígena.

O *site Biblioteca Virtual Infantil*¹⁰ pode proporcionar interessante experiência para meninos e meninas que se iniciam nas experiências virtuais. Estampa produtos de estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental de escolas públicas da região de Juiz de Fora, Minas Gerais. A biblioteca apresenta as produções infantis organizadas por gêneros textuais eleitos pela proposta curricular da escola (narrativas de aventuras, fábulas, quadrinhos, receitas, dicionários, poesia, textos coletivos).

No conceito de comunidade leitora, esse é um espaço virtual que permite aos alunos interagirem entre si, construindo e lendo os próprios textos, incentivando os mais velhos e os pequenos que não criaram ou não incorporaram ainda a prática leitora. Vale a pena acessar com os alunos, que terão nessas páginas um exemplo de produção em uma biblioteca organizada, que amplia a dimensão da escola como acesso à cultura.

O *site* ainda traz motivadora proposta na seção “Seja Autor”, em que as crianças podem ter suas histórias publicadas após avaliação da equipe.

“O mundo de Bartô”¹¹ é um *site* voltado para o público infantil e importante exemplo de como vale a pena a criança navegar pela internet em parceria com o professor ou um adulto interessado em descortinar com ela o mundo da informação e da cultura.

⁹ Disponível em: <<http://chc.org.br/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

¹⁰ Disponível em: <www.ufjf.br/bibliotecavirtualinfantil>. Acesso em: 28 ago. 2016.

¹¹ Disponível em: <<http://bartoitacultural.org/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

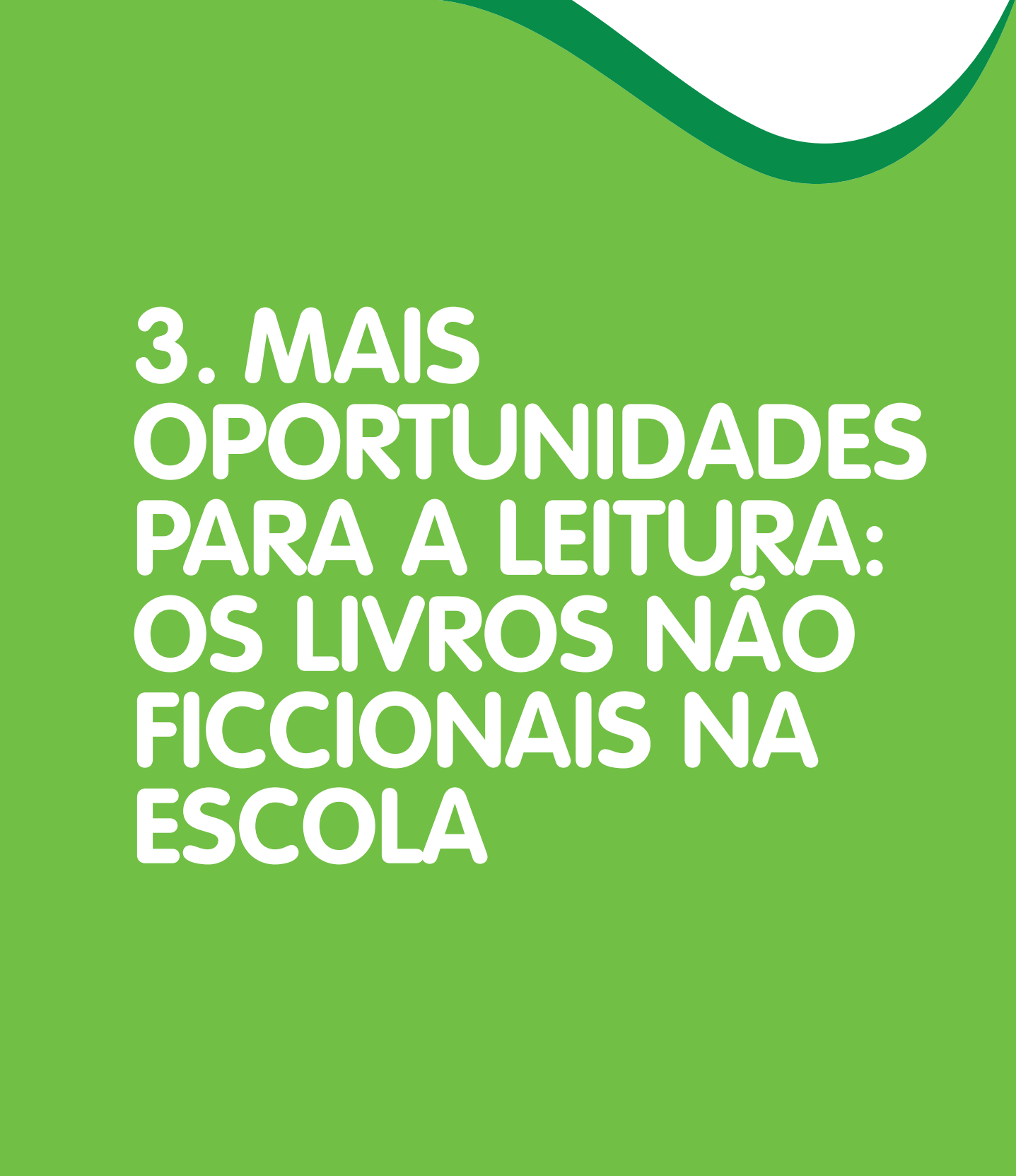
Todo o *site* é guiado pelo personagem ratinho Bartô, que fala ao leitor, trazendo informações, provocando reflexões, lançando curiosidades. A criança se vê convidada a fazer novas buscas (por links do próprio texto ou em *sites* de pesquisa). Dessa forma, a conversa que Bartô propõe tanto esclarece quanto diverte e frutifica, possibilitando ampliar informações.

As seções respeitam a inteligência da criança, oportunizando avançarem na sua capacidade crítica. Após a explicação sobre o que é fábula, por exemplo, propõe-se uma reflexão sobre o valor da moral ao final do texto. Outra seção provoca curiosidade sobre instrumentos musicais e oportuniza que, em um clique, o internauta assista a uma entrevista e ouça um dos craques do instrumento. Contam-se histórias em Libras e em português e é possível conhecer arquitetos que gostam de desenhar, além de exposição de fotografia, diretor de teatro de bonecos com seus bonecos. Apresentam-se eventos variados e atividades possíveis de serem realizadas, como produzir carimbos de batatas, escrever um samba, desenhar, caçar palavras. Enfim, as seções trazem novidades de qualidade que podem agradar, além de qualificar o universo cultural infantil.

Tendo a prática educacional como objeto de reflexão, o professor se perguntará: como encaminhar com os alunos o trabalho de leitura e escrita em *sites* desse tipo? Certamente há atividades que os estudantes apreciam e realizarão com interesse, a começar pela oportunidade de utilizar o computador. Uma forma muito adequada será organizar os alunos em duplas produtivas – quando as competências de um complementam a do outro: uma criança que lê com mais facilidade é colocada juntamente com a outra que tem mais habilidades ao computador. É uma situação em que será necessário aprender um com o outro, sabendo-se que se aprende também quando se ensina. Dessa forma, serão dois os objetivos: aprender as habilidades de uso da tecnologia e aprender sobre determinado assunto.

É sempre importante o professor conhecer os *sites* que serão acessados pelos alunos, por três razões básicas: avaliar a adequação deles aos estudantes; apontar caminhos para um planejamento que atenda às necessidades do grupo ou de alguns alunos especialmente; antecipar os passos para sua exploração, pois, como sabemos, os *sites* por eles mesmos, e também pelos links que remetem a outros *sites*, abrem portas para um universo de informações que podem, em vez de nos direcionar, nos dispersar a ponto de esquecermos ou abandonarmos o objetivo principal da busca.

Um professor preparado e atento – mas também flexível para replanejar o trabalho – pode possibilitar aprendizagens significativas aos alunos, colaborando para que se iniciem no percurso pelos meios digitais de forma segura.



3. MAIS OPORTUNIDADES PARA A LEITURA: OS LIVROS NÃO FICCIONAIS NA ESCOLA

Quando falamos sobre leitura na escola, é comum nos referirmos, mesmo que implicitamente, à leitura de obras de ficção. Embora hoje em dia os projetos de leitura contemplem a leitura de variados gêneros discursivos, as atividades desenvolvidas para a aquisição e consolidação da prática da leitura costumam ter a literatura de ficção como coluna vertebral. Nas situações em que trabalhamos outras modalidades discursivas, como textos expositivos ou argumentativos, no contexto das várias disciplinas, fazemos isso com uma ótica funcional, buscando a construção de um determinado conhecimento ligado ao currículo, sem considerar que essas práticas podem ser incorporadas à atividade abrangente de “leitura”. Assim, quando pensamos em ações para consolidar a prática da leitura, por exemplo, é comum selecionarmos os títulos focados nas obras de ficção. Até convidamos autores para falarem sobre suas obras literárias, ou organizamos clubes de leitura sobre contos ou romances. Que tal pensarmos em ampliar um pouco este contexto, considerando as obras não ficcionais para a formação do leitor?

Em nosso meio, os livros de ficção são onipresentes: estão nas salas de aula, nos espaços coletivos de leitura na escola, em bibliotecas públicas, são mencionados nos meios de comunicação e são objetos de prêmios. Não obstante a isso, é possível que muitas crianças e jovens que não se entusiasmam com a leitura de histórias de ficção possam ler com gosto qualquer livro não ficcional que os ponha em contato com seus interesses, ou que simplesmente lhes mostrem outras formas de ver e conceber o mundo.

Alguns alunos podem ser considerados maus leitores por não lerem ou não gostarem de ler os textos ficcionais que dominam as práticas de leitura na escola, equivocadamente assim considerados por não terem tido acesso a outro tipo de leitura. Uma leitura de texto não ficcional pode ser apaixonante, especialmente para leitores curiosos, que procuram saber mais sobre seus assuntos favoritos. Pode ser uma boa entrada na leitura para aqueles que adoram contrastar opiniões ou que, simplesmente, ficam fascinados ao observar as imagens desses livros e descobrir novas formas de ver as coisas. Além disso, a inter-relação entre texto e imagem nos livros não ficcionais é um fator que pode ser muito útil para leitores em idades avançadas com dificuldades, que precisam da imagem como suporte para a leitura – e que, assim, poderão ler os livros que todos leem.

A formação do leitor - inclusão da leitura de textos não ficcionais

Os livros não ficcionais concebidos para crianças e jovens costumam se diferenciar pelo formato ou pelo tamanho maior, muitos deles em capa dura. Algumas coleções incorporam ao livro elementos móveis, abas, janelas e outros mecanismos de sobreposição como os acetatos que podem ser manipulados, trazendo novas possibilidades informativas.

É da natureza dos livros não ficcionais que se combine uma grande variedade de textos com tipografias variadas, com imagens fotográficas, desenhos, quadros informativos, linhas cronológicas, esquemas e outros elementos gráficos, dispostos de maneira a proporcionar informações valiosas que enriquecem o texto, nos ajudam a identificar os conhecimentos essenciais para entrarmos em um assunto e facilitam sua compreensão. A incorporação desses sistemas de representação ajuda na prática da leitura de textos descontínuos. Além disso, utilizar esses recursos para produzir conhecimento auxilia a identificar mecanismos de organização e estruturação da informação e permite que as crianças comparem dados, identifiquem diferentes pontos de vista ou posicionamentos e se iniciem na prática da pesquisa bibliográfica.

Além disso, os sumários (que nos orientam sobre o conteúdo da obra e nos ajudam a decidir se é adequada ou não às necessidades do leitor) e os índices (que facilitam a localização das partes do livro onde são tratados determinados conceitos) aumentam a eficácia informativa dessas obras e facilitam a consulta e a pesquisa de informações.

A apropriação do livro não ficcional é essencial para uma formação leitora completa que incorpore o trabalho com a informação ou, como diriam agora, que nos permita aperfeiçoar nossas habilidades em tecnologias da informação (BORDA CRESPO, 2005).

Essa complexidade própria dos livros não ficcionais, em que se conjugam texto escrito e imagens, proporciona uma leitura muito rica e completa, pois possibilita ao leitor dois tipos de experiências: a de caráter “pragmático” e a de caráter emocional. Com a primeira, obtêm-se informações, respostas a dúvidas ou curiosidades e pode-se

receber instrução para realizar algo. A outra é a experiência estética, que o leitor busca ou que lhe é proporcionada durante a leitura, quando o interesse se volta aos aspectos afetivos. É assim que um texto não ficcional pode trazer interessantes informações sobre a vida animal, por exemplo, sobre a forma de macho e fêmea protegerem seus filhotes, que, ao mesmo tempo, poderão acionar no leitor uma forma emocionada de enxergar a existência, de sensibilizar-se com o instinto de preservação da vida relacionado ao afeto na relação pais e filhos.

Adicionalmente, a multiplicidade de textos não ficcionais permite diversas modalidades de leitura: textos principais, textos secundários, legendas etc., que trazem informações diferentes e com diferentes graus de importância, o que os torna acessíveis a leitores com capacidades diferentes de entendimento do texto.

Nesse ponto, deveríamos nos perguntar: contamos com uma coleção suficientemente rica e variada na biblioteca? Deixamos que os alunos escolham as obras não ficcionais quando propomos uma leitura livre? Falamos sobre esses livros na sala de aula? Lembramos que o mercado oferece um grande número de possibilidades? Conhecemos as inúmeras funcionalidades derivadas de sua própria complexidade? Quais são as práticas escolares adotadas com e para esse tipo de livro?

Dicas para escolha de livros não ficcionais

Nos espaços específicos de leitura da escola e na sala de aula, é preciso dar aos livros não ficcionais o mesmo tratamento que se dá à ficção no conjunto da prática da leitura.

Conhecer os livros não ficcionais do acervo dos espaços de leitura ou das bibliotecas será uma proposta envolvente – além de necessária – para formalizar o trabalho com essas obras e também para incentivar a leitura livre dos alunos curiosos por saber mais sobre determinado assunto. Uma proposta de trabalho poderá partir da sala de aula ou ter origem em outros espaços de leitura.

Além de ajudar a ampliar os conteúdos curriculares trabalhados em sala de aula, esses livros oportunizam o exercício de estratégias de leitura e da busca de informação – uma vez que não são lidos da mesma forma que se lê um livro de ficção. Falar desses livros, acessá-los para responder a perguntas que surgem na aula ou como base para a construção de textos próprios deveria ser uma prática corriqueira nas salas de aula e nos espaços de leitura.

Ao selecionar livros não ficcionais para a escola é preciso ter em conta alguns aspectos relacionados à qualidade. Por isso, sugerimos que se levem em consideração a temática, o conteúdo, a linguagem utilizada nos textos e os recursos visuais que veiculam informações.

Em relação à **temática** serão levados em conta os temas previstos no currículo e os interesses ou as necessidades de aprendizagens dos estudantes. O **conteúdo** poderá ser avaliado quanto à atualidade, veracidade e rigor da informação, o grau de aprofundamento ao abordar o tema, o posicionamento em relação a questões polêmicas. Avalia-se até que ponto os conteúdos agregam conhecimento e, considerando a **linguagem**, avaliam-se a capacidade de explicação do texto, sua objetividade e repertório vocabular adequado ao gênero. Valerá analisar se os **recursos visuais** são suficientes e adequados, avaliando-se a qualidade das fotos, se houver, e de maneira geral avaliando-se as informações que esses recursos podem agregar à pesquisa e o que os alunos poderão aprender com eles.

Outro aspecto a ser considerado é a confiabilidade da editora; também a especialização do autor na área (geralmente informada pelas editoras nos catálogos ou na própria obra). Quanto ao produto, é importante analisar a apresentação formal: a disposição dos conteúdos na página, a tipografia. Verificar se a obra conta com sistemas de organização e de recuperação da informação (sumários e índices) e se são eficazes. É adequado observar se possui bibliografia ou instituições de referência de qualidade, inclusive indicação de *sites* acessíveis aos leitores.

Será avaliado o equilíbrio entre o conteúdo e a apresentação, que pode ser menos sofisticada, porém sem perder a qualidade científica.

Mergulhados nesse universo intencional de busca de conhecimento e de leitura de obras não ficcionais, as crianças e jovens poderão adquirir e desenvolver as competências necessárias para enfrentar, mais tarde, as obras científicas ou ensaísticas, ou, simplesmente, ler aquilo que lhes permitirá entender melhor o mundo que os rodeia.

Algumas sugestões de títulos

Como alimentar meu bicho de estimação? Qual é o alfabeto utilizado na Coreia? O que é arqueologia? Como o homem chegou à Lua? Como preparar uma *pizza* caseira? Como se faz um filme? Como funciona um acelerador de partículas e para que serve? O que é um partido político? Por que morremos? De quem é o recorde mundial dos 100 metros rasos? Para os indivíduos nascidos na era da internet, as respostas para essas perguntas – e para muitas que venham a fazer – podem ser encontradas de imediato na internet e apenas nela. É claro que nosso meio nos oferece várias outras fontes de resposta, entre as quais os livros não ficcionais são uma das mais eficazes, embora não ganhem na rapidez da resposta proporcionada em alguns cliques pelos *sites* de busca. Sem subestimar a utilidade da internet nem da informação que pode ser encontrada com uma busca bem feita (como visto no Capítulo 2 “Ler nas telas: como fortalecer o leitor?”), permitindo o acesso a fontes de qualidade e adaptadas às capacidades de quem consulta, é inegável que para certos fins os livros não ficcionais ou de textos expositivos continuam sendo de grande importância.

Neste sentido, a escola pode oferecer diversas oportunidades que garantam a aproximação mais equilibrada deste gênero para que os estudantes possam conhecer, explorar e criar cada vez mais critérios para buscar seu caminho como leitores.

Além de nos oferecer dados, descrever realidades, relatar fatos e expor opiniões de especialistas sobre diversos assuntos, os livros de textos expositivos trazem perguntas, nos fazem refletir, nos ajudam a formar opinião sobre um fato e a nos posicionarmos diante das informações encontradas e dos pontos de vista adotados ao se expor os conteúdos. Logicamente, isso é mais comum nas obras que tratam de assuntos polêmicos, que normalmente apresentam os diferentes pontos de vista a partir dos quais a sociedade os descreve.

Diante de perguntas como “o que são as mudanças climáticas?”, alguns livros se limitarão a informar as causas e as consequências, adotando uma posição eminentemente científica – mas imprescindível –, ao passo que outros questionarão qual é a responsabilidade dos indivíduos em relação a esse fenômeno que afeta todo o mundo natural. Ainda haverá outros que proporão boas práticas para mitigar os efeitos das mudanças climáticas, pensadas sempre em razão da idade de seus potenciais leitores. Isso porque, ao contrário da informação, muitas vezes apenas como resposta direta que encontramos na internet, um bom livro de conhecimentos é um produto editorial, pensado especificamente para divulgar conhecimentos sobre vários assuntos para o público infantojuvenil – e ajudar a formar opiniões.

Sem a pretensão de criar uma lista de referência e nem esgotar as possibilidades, indicamos alguns livros que podem oferecer uma entrada a esse universo não ficcional:



1. Título: Minha casa azul

Autor: Alain Serres

Ilustrador: Edmée Cannard

Editora: Edições SM

A obra *Minha casa azul* foge do que seria um texto exclusivamente expositivo, pois se trata de um relato em primeira pessoa, mas que se revela como um pequeno manual para entender, da perspectiva de um menino, e para explicar aos pequenos leitores, o ser humano, o Universo, as galáxias, o Sol, a Lua, os planetas, os continentes e todos os povos que vivem neles. E mais do que isso, para revelar a relação de todos esses elementos.



2. Título: Animais simpáticos, comportamentos estranhos

Autor: Vários

Editora: Abcpress

Animais simpáticos, comportamentos estranhos: livro com textos expositivos de fácil leitura que respondem às questões colocadas para cada um dos animais apresentados, como: Por que ursos hibernam? Por que gatos se lambem?



3. Título: Mini Larousse do Universo

Autor: Silvana Salerno

Editora: Larousse do Brasil

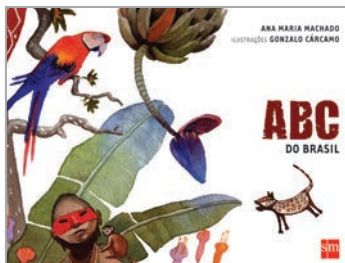
Mini Larousse do Universo: nesta obra, o pequeno leitor poderá ter respostas a curiosidades sobre o Sol, as estações do ano, as primeiras viagens do homem ao espaço. Simulações de dúvidas são respondidas de forma clara, didática e científica.

4. Título: Como funciona o incrível corpo humano – Por ideias brilhantes

Autor: Richard Walker

Editora: Companhia das Letrinhas

Como funciona o incrível corpo humano – Por meio de textos curtos e legendas, o livro traça um panorama informativo em que é possível aprender sobre todos os processos fisiológicos, sobre o esqueleto, os músculos, a função da pele e o poder do cérebro de uma das máquinas mais complexas – o incrível corpo humano.



5. Título: ABC do Brasil

Autor: Ana Maria Machado

Ilustrador: Gonzalo Cárcano

Editora: Edições SM

De autoria de uma das melhores representantes da literatura infantil, o livro faz parte de uma série (ABC), cujas obras são organizadas por entradas pelas letras do alfabeto; cada uma se refere a uma região, a um continente ou até a uma religião. Os alunos desenvolvem habilidade de pesquisar pela ordem alfabética – organização característica das enciclopédias.



6. Título: ABC do Japão

Autor: Stela Barbieri

Ilustrador: Fernando Vilela

Editora: Edições SM

Obra que traz muitas informações sobre o “país do Sol Nascente”, o Japão. Mostra suas paisagens com praias, vulcões e jardins, além de abordar as tradições milenares, como o zen-budismo, e também a arte, o povo e seus costumes. Interessante leitura, uma vez que o Brasil acolhe a maior colônia japonesa do mundo.



7. Título: 100 números para sonhar um mundo diferente

Autores: Elen Riot / Zaú

Editora: Edições SM

100 números para sonhar um mundo diferente: O livro traz 100 números-chave, que disparam reflexões e alimentam discussões a respeito de situações que nos cercam, como os grandes desafios do século XXI –, tais como: a cada quatro segundos morre uma pessoa de fome no mundo; são 24 mil por dia – enquanto isso, 60% dos adultos norte-americanos estão acima do peso ideal ou são obesos. Ao mesmo tempo, o livro aponta algumas saídas nesse contexto em que as perspectivas são preocupantes.



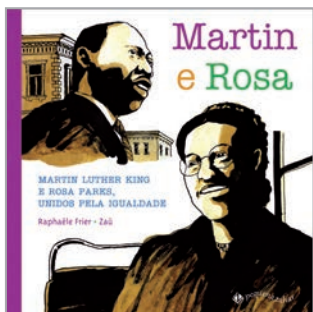
8. Título: A democracia pode ser assim

Autor: Marta Pina

Editora: Boitempo - Coleção Boitatá

A democracia pode ser assim é uma obra que discute a maneira como as pessoas se relacionam em sociedade. Toma como exemplos a hora do recreio e o jogo (atividades em que todos que participam têm de tomar decisões e assimilar regras) para apresentar o conceito de democracia. Esclarece sobre o que são eleições, o papel do voto, a importância dos direitos humanos e da informação para a manutenção das liberdades.

Outros volumes da coleção: *A ditadura é assim*, *As mulheres e os homens*, *O que são classes sociais*. Segundo a editora, “a coleção procura promover o aprendizado, o questionamento crítico e a construção de um senso de justiça social através da literatura”.



9. Título: Martin e Rosa – Martin Luther King e Rosa Parks, unidos pela liberdade

Autores: Raphaële Frier, Zaü

Editora: Pequena Zahar

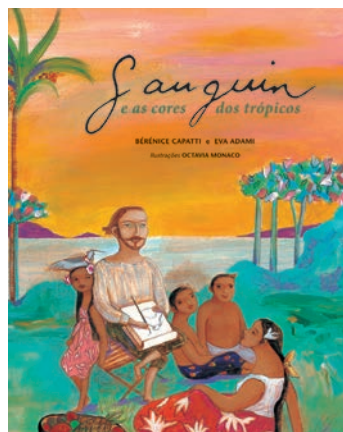
Obra sobre ações revolucionárias do século XX, apresenta a luta pelos direitos civis e pela igualdade entre as pessoas de todas as raças, credos e cores, nos anos 1950, por meio da história de Rosa Parks e de Martin Luther King. Essas duas figuras históricas denunciaram e conseguiram modificar a lei que separava negros e brancos nos ônibus.

O leitor encontra no livro material de pesquisa que inclui textos, fotos, documentos e um mapa sobre a vida de Martin Luther King e Rosa Parks e a luta pelos direitos civis.



10. Título: Vincent van Gogh e as cores do vento

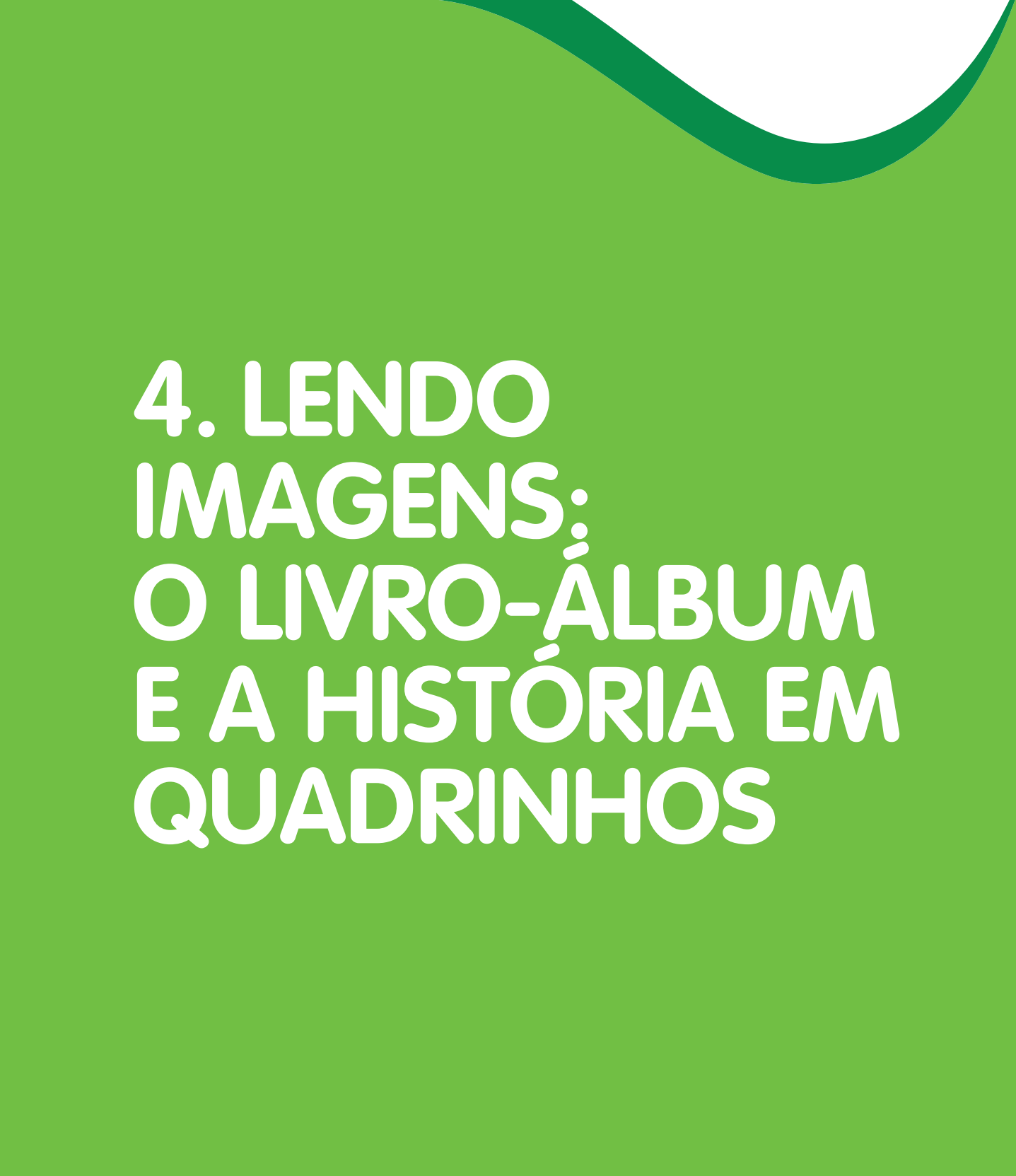
Autoras: Chiara Lossani e Octavia Monaco
 Editora: Edições SM



11. Título: Gauguin e as cores dos trópicos

Autoras: Bérénice Capatti, Eva Adami e Octavia
 Editora: Edições SM

Conhecer a vida de artistas famosos pode ser uma boa entrada para entender o tempo histórico em que viveram, os dilemas, dificuldades e conquistas que tiveram, aproximando o leitor do ser humano que se tornou tão conhecido, conhecendo detalhes curiosos e relevantes. Estes livros relacionados a artistas plásticos conhecidos mundialmente podem inspirar para o envolvimento com as artes e também com a história.



4. LENDO IMAGENS: O LIVRO-ÁLBUM E A HISTÓRIA EM QUADRINHOS

A importância da leitura da imagem

Imagem é o grande destaque deste capítulo, considerando que vivemos imersos na chamada cultura da imagem e somos constantemente bombardeados com impactos visuais que, sejam estáticos ou dinâmicos, chegam até nós por meio da publicidade, dos livros impressos e digitais, das telas do cinema, da televisão e de portáteis, como os smartphones e tablets.

Por serem tantas as informações visuais, muitas vezes não compreendemos de imediato todas essas imagens, precisamos de uma atenção específica para entender esses códigos estéticos e plásticos que são usados para comunicar, além de ser necessário acionar conhecimentos socioculturais. Ou seja, precisamos nos educar para essa linguagem, tamanha é sua potencialidade como expressão nos contextos de comunicação. A escola é um espaço privilegiado para enriquecer essa aprendizagem.

Ocorre, porém, que a comunidade escolar, consciente de seu papel no ensino da leitura, com necessidade de dedicar tanto esforço à linguagem textual e ao sistema de escrita alfabético, muitas vezes deixa de lado a chamada leitura da imagem. Por isso exercerá um importante papel familiarizar as crianças, desde pequenas, com os mecanismos e convenções da linguagem visual, incluindo no seu acervo livros de/com imagens aos quais se agregam os livros-álbum, histórias em quadrinhos e demais gêneros da modernidade.

Para nos ajudar a refletir sobre a importância do trabalho com a linguagem visual, vamos comentar um famoso quadro do surrealista belga René Magritte, pintado em 1933. Essa análise reforça a ideia de valorizar a importância de olhares mais experientes que oportunizem aos alunos conviver com a linguagem visual, ampliando as possibilidades de construção de sentido para o que se vê.

Observemos algumas possibilidades de interpretar essa obra intitulada *A condição humana*:

ESCOLA

Como criar um ambiente favorável à leitura na escola?



A condição humana, René Magritte

O que vemos? O que essa composição nos comunica?

O pintor situou uma tela em frente a uma janela vista do interior de um quarto. A pintura na tela representa parte da paisagem, além da janela e ao mesmo tempo encobre essa parte. Porém, olhando atentamente, fica a pergunta: há de fato uma tela pintada encobrendo parte da paisagem? Ou a tela é apenas uma ilusão? Por que o pintor escolheu essa composição? Ele, de fato, mostra uma pintura ou simula uma pintura? Como podemos interpretar essa obra?

Como ponto de partida para uma reflexão, podemos nos apoiar no que está escrito, no título, *A condição humana*, que nos ajuda a iniciar uma construção de sentido. Se pela primeira hipótese, existe uma pintura, ela cobre a realidade – o que nos dá a liberdade de afirmar que o artificial muitas vezes substitui o real –, e isso é viver na ilusão. Se pela segunda hipótese, não existe uma pintura, trata-se efetivamente

de uma ilusão. Será que a ilusão é uma condição da vida humana? Ou ainda: ao mesmo tempo, o mundo que vemos fora, diante dos olhos, está dentro de nós, como representação mental. A tela, no interior do quarto, representaria o que guardamos como imagem dentro de nós? Essa representação será tão real como o que existe fora? Você, leitor, se arrisca a outro tipo de interpretação?

É dessa forma que as imagens nos põem à prova, nos fazem perguntas e nos fazem perguntar, nos fazem pensar, interpretar, sentir e verbalizar. Toda obra de arte, como a ilustração em revistas e livros, fala conosco em dois níveis: no da razão ou da inteligência, e também no nível da sensibilidade, da emoção. As imagens deixam marcas em nossa memória e passam a fazer parte do nosso próprio museu de imagens mentais. Quanto mais rica for essa coleção de imagens, mais referência teremos para decifrar, ou ler, o nosso mundo.

O exemplo da tela “*A condição humana*” nos confirma sobre a riqueza da linguagem visual e da necessidade de se mudar a tendência, talvez inconsciente, na educação das crianças e jovens, de tratar a imagem como elemento decorativo, opcional – tendência que acaba sendo um desserviço para a formação delas. Importa reconhecer a imagem como linguagem, como outra maneira de narrar, de expressar e de suscitar sentimentos e ideias.

Por isso nos propomos, em seguida, a refletir sobre algumas publicações literárias instigantes, algumas antigas, outras mais recentes no mercado editorial, para o desfrute de crianças, jovens e adultos, em que a imagem possui destaque específico. De forma ampla, trataremos do livro com ilustrações, do livro-álbum e das histórias em quadrinhos. Mas, de forma específica, o objetivo será conhecer mais detidamente estes dois últimos. Há muitas dessas produções no mercado, com enorme potencial de desenvolver nas crianças e nos jovens competências de leitura visual, tornando-os mais observadores e críticos.

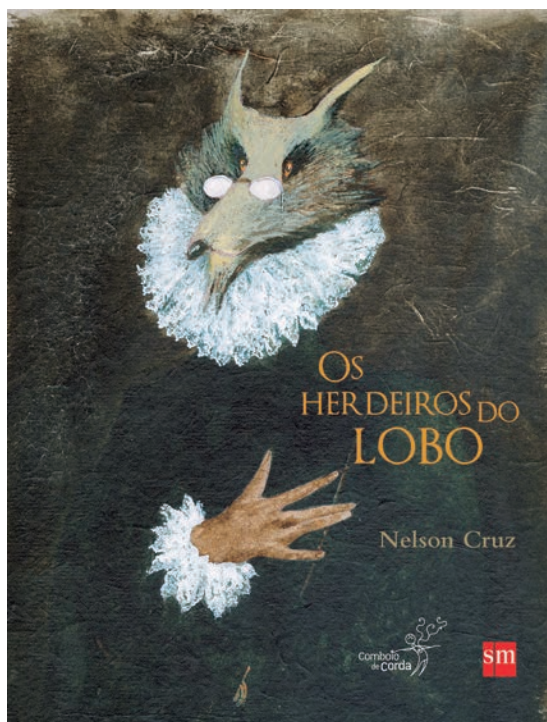
Vejamos algumas publicações que podem servir de referência para compreender o papel e o potencial comunicativo das imagens.

Livro com ilustração: publicação onde a imagem ocupa papel coadjuvante em relação ao texto. Mais abundantes no mercado e mais tradicionalmente conhecidos, esses livros constituem-se de uma narrativa escrita acompanhada de ilustrações em tamanho e quantidade variados e com variadas formas de ocupar o espaço da página: ora juntamente com o texto, ora o texto em uma página e a ilustração em outra, ora apenas imagem, ora texto e imagem se interpenetrando.

1. Título: Os herdeiros do lobo

Autor e ilustrador: Nelson Cruz

Editora: Edições SM



Capa

Vô João é um imigrante italiano que se naturalizou brasileiro na época da Segunda Guerra Mundial, e que aqui veio à procura de um amigo fotógrafo que desaparecera nas matas tropicais. É o neto quem conta a história desse avô – que também gosta de contar histórias, como aquela da época em que era jovem e vivia na Itália, quando aprendeu carpintaria com Gepeto (personagem da grande obra *As aventuras de Pinóquio*) e também aquela de quando acompanhou a prova dos sapatinhos de cristal de Cinderela.



MEU VÔ JOÃO

Eu tive três avôs.

O avô paterno, Eugênio, não conheci. Soube que trabalhava durante o dia na Usina de Açúcar Santa Helena e à noite dava aulas de alfabetização para plantadores de cana em Ponte Nova, Minas Gerais.

Meu avô materno chamava-se Joaquim e gostava que o chamassem carinhosamente de vô Quim. Também não o conheci. E, não se sabe bem por quê, quando vô Quim se casou pela segunda vez, minha mãe, Sinhá, que nasceu em Ponte Nova, menina ainda foi adotada por um imigrante italiano, Giovanni Ferdinando.

Carpinteiro, ele fabricava caixões, móveis pesados, telhados. Também cortava cana nas fazendas da região na época da colheita. Era uma pessoa pacata. E, por causa desses trabalhos, era conhecido e circulava pela cidade folgadoamente. Mas em 1942, quando nosso governo declarou guerra aos países do Eixo — Japão, Alemanha e Itália — e os brasileiros passaram a ver com desconfiança a presença dos imigrantes, Giovanni, que dizia sempre amar o Brasil, decidiu naturalizar-se com o nome de João Fernandes. Foi aí que virou vô João.

Frequentemente vô João sentava-se na escada de casa para limpar suas ferramentas. Nessas horas, os netos costumavam reunir-se ao redor dele para ouvir as histórias que gostava de contar, que eram muitas.

Ele vivia dizendo, saudosos, que tinha nascido no país das histórias e aprendido a profissão de carpinteiro com um velhinho que morava numa casinha bucólica no final da rua onde ele, Giovanni, nasceu e viveu até vir para o Brasil. Era um lugarejo

ESCOLA

Como criar um ambiente favorável à leitura na escola?



Parte interna

Em alguns momentos, o ar parecia faltar aos pulmões, obrigando-o a reduzir o ritmo. Enfim, encontrou uma pequena planície com um riacho. Ali montou novo acampamento.

A noite trouxe vento e uma chuva forte repentina. Pela primeira vez, vô João sentiu medo. Mas, extenuado, adormeceu. Sonhou com Zanone no meio da neblina. O amigo falava com pessoas com cabeça de lobo. Vô João tentou se aproximar, mas o grupo tomou a frente, mantendo Zanone escondido. Ele gritou chamando o amigo enquanto o grupo caminhava em sua direção, intimidando-o. Nesse momento, vô João acordou assustado. A chuva, o vento e os trovões estavam ainda mais intensos e ele então percebeu que o pequeno riacho tinha transbordado e invadido a cabana, molhando tudo por dentro. Nada havia a fazer a não ser tentar salvar as provisões, retirar a água da cabana e enxugar o que havia sobrado. Foi o que fez durante o resto da madrugada. E então viu que o mapa de Zanone, boiando na água, tinha se apagado de vez.

Pela manhã, enquanto aguardava o sol aparecer no meio da neblina, meu avô averiguou o que tinha restado dos mantimentos. Não sabia mais calcular a que distância estava do vilarejo. O sol tardava em atravessar o grosso nevoeiro, impedindo a caminhada outra vez. O melhor era permanecer no local. Vô João refletiu que já havia avançado bastante e que sairia dali apenas quando se sentisse seguro. Para onde não sabia. Talvez tivesse de retornar. "Não. Retornar não é mais uma possibilidade", pensou ele.



Parte interna

Livro-álbum – livro-álbum com ou sem palavras: são livros que realizaram uma ruptura com os tradicionais livros com ilustrações, nos quais o texto prepondera sobre a imagem. Nesses livros o texto, a imagem e o suporte são linguagens que possuem uma correlação forte e dependente: todas são utilizadas para narrar e são imprescindíveis para estabelecer o significado da história.

Nesse tipo de obra, o aspecto visual, portanto, é muito importante: o formato, o material, a tipografia, as ilustrações, as cores, as guardas e a encadernação não são escolhidos aleatoriamente, mas usados para multiplicar os efeitos do texto. Dessa forma, solicitam ao leitor que aprecie e relacione esses elementos com o conteúdo escrito, se for um livro-álbum com palavras. Se for um livro álbum sem palavras, o leitor terá o desafio maior de apreciar e olhar com cuidado todos esses elementos visuais, refletir profundamente e colaborar mais ativamente com o ilustrador, construindo internamente uma narrativa textual que responda ao conjunto visual que lê.

Segundo Evelyn Arizpe, “o livro álbum, com ou sem palavras, pode ser uns dos melhores ‘mestres’ para desenvolver a competência visual¹².

História em quadrinhos: geralmente no formato de revista, apresenta uma história não muito longa, contada em quadrinhos, com imagens e texto que representa a linguagem oral. É comum apresentar onomatopeias e alguns símbolos para representarem sons, o estado emocional ou sentimentos dos personagens. São conhecidas também por HQs e gibis.

É interessante o uso dos quadrinhos em salas onde os alunos estão se apropriando do sistema de escrita ou com recente autonomia de leitura, graças à possibilidade de antecipação sobre o que pode estar escrito, apoiando-se nas imagens e ao procedimento de ajuste entre o que está de fato escrito e a leitura. Além disso, a associação de texto, imagem e outros elementos gráficos, como balões com significados diferentes, expressões faciais dos personagens e onomatopeias facilitam tanto a leitura quanto a compreensão da trama.

¹²ARIZPE, Evelyn. Imagens que convidam a pensar — o livro-álbum sem palavras e a resposta leitora. In Revista Emília, fevereiro de 2014. Disponível em: <www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=380>. Acesso em: 28 ago. 2016.

Afinal, o que é um livro-álbum?

Muitas imagens que nos acompanham na infância têm papel fundamental na formação do gosto estético. O espaço da escola, as paredes das salas de aula em que estudamos desde a Educação Infantil, as casas onde moramos, as visitas a museus, as viagens; as influências familiares, os amigos da escola serão determinantes em nossa concepção da beleza. Assim como acontece com o gosto musical, nosso gosto estético não vem moldado desde o nascimento, ele é adquirido e pode ser educado.

Por isso é importante proporcionarmos às crianças e aos jovens, ao longo de sua trajetória como leitores, livros de qualidade, entre eles livros-álbum, ricos em estilo, técnicas e intenções. Uma boa seleção despertará sua sensibilidade e os desafiará solicitando leituras e releituras que “desautomatizam” o olhar. Darão a eles ferramentas para enxergarem matizes e lutarem contra estereótipos.

O livro-álbum tem se mostrado um produto cultural em constante evolução, com uma amplitude de variações. Seus autores incursionam pelo terreno gráfico, inovando e causando surpresas. São fascinantes obras que proporcionam experiências estéticas enriquecedoras, bastante desafiadoras ao leitor, porque solicitam que se observe como as lacunas do texto verbal e do texto visual se preenchem; e o próprio leitor precisa preencher essas lacunas com sua interpretação, seja o livro-álbum com ou sem texto escrito.

Sejam obras com ilustrações clássicas ou com imagens inovadoras, utilizando qualquer técnica de desenho, colagens ou pintura e outros recursos, o mais importante é que as crianças se familiarizem com elas e, principalmente, descubram que por trás de cada escolha – em livros de qualidade – escondem-se as intenções do autor-ilustrador.

O livro-álbum possibilita a seus autores vários tipos de experimentações. E como leitura, cumpre o papel decisivo de tornar os leitores mais perspicazes – ou de estar à altura da perspicácia que as crianças podem desenvolver. Cumprem o papel de tornar as crianças conscientes do que a língua é capaz de expressar e do que a imagem é capaz de dizer – e o quanto podem apresentar atuando juntas. É uma forma de valorizar a arte na sua dimensão expressiva. São situações que confirmam ou fazem compreender que o leitor tem um papel diante do livro que lê – o papel de tornar o livro algo vivo, que só se realiza quando um leitor lhe atribui um sentido –, utilizando os recursos que desenvolveu em um caminho de crescente competência.

Alguns exemplos de livros-álbum

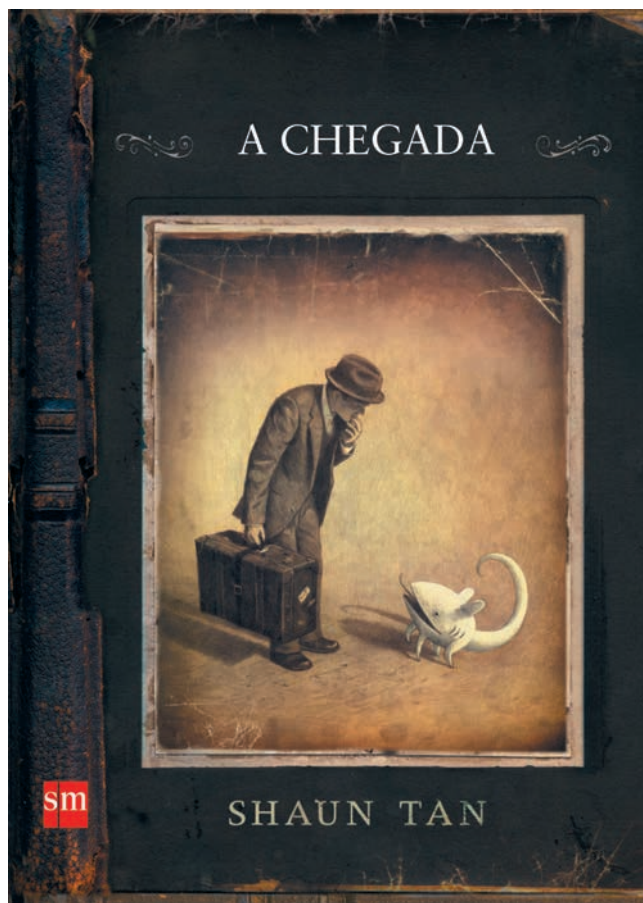
A seguir, encontram-se algumas obras exemplares de como seus autores exploraram os recursos de linguagem, imagem, suporte, tipografia etc.

Livros-álbum sem texto escrito

2. Título: A chegada

Autor-ilustrador: Shaun Tan

Editora: Edições SM



Capa

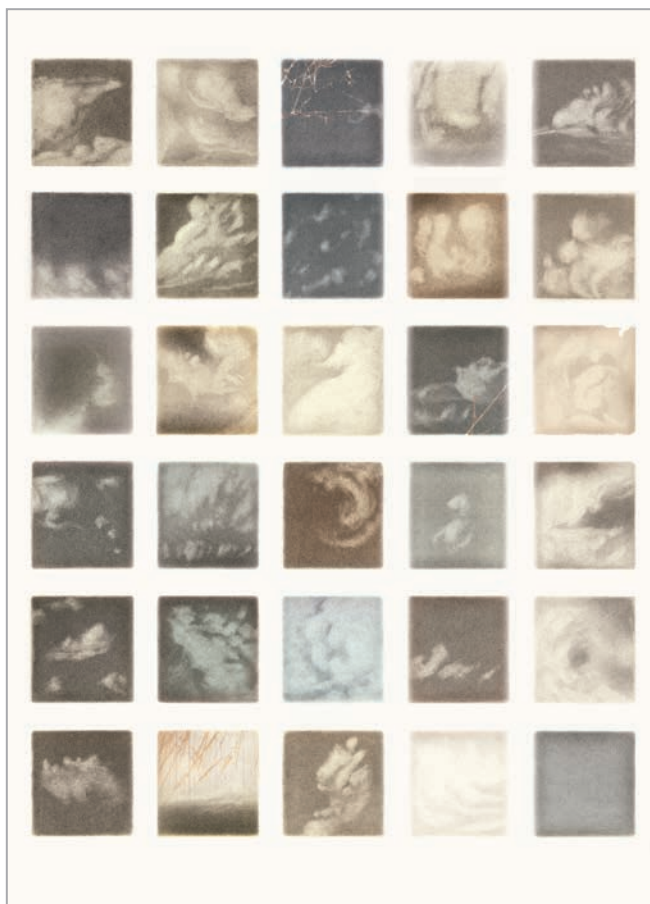


Página da obra *A chegada*



Páginas internas

A Chegada – essa obra narra o dramático percurso de um homem que deixa sua terra de origem para buscar sustento em um lugar distante. Inicia com situações que antecedem sua partida, mostra a viagem em um navio de imigrantes e a chegada ao lugar desafiador para se adaptar. A viagem é longa, as nuvens no céu, vistas do navio, contam, dia a dia, sobre a viagem. Longe da mulher e da filha, o homem recomeça a vida, perante estranhamentos e acolhimentos, próprio dessas situações.



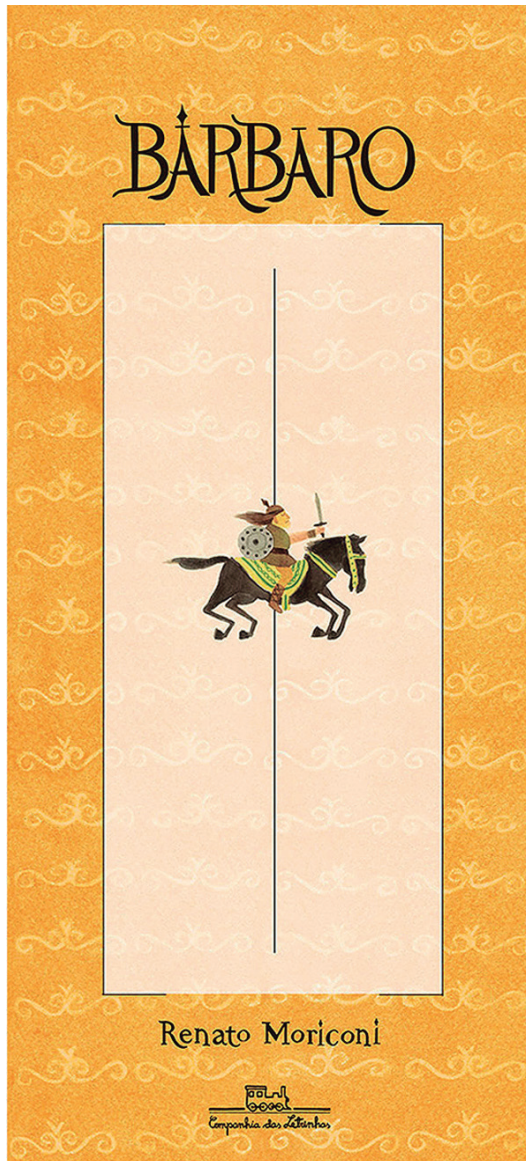
Páginas internas

A ilustração é toda a lápis em tons sépia – parece corresponder ao universo de lembranças sombrias, a uma vida sem cor, de um personagem com a identidade esmaecida, em um lugar estranho. A obra não possui texto escrito, organiza-se em quadros de variados formatos e tamanhos, que lembra história em quadrinhos ou mangás, às vezes muitos e pequenos na página, outras vezes um só quadro ocupa a página toda ou um enorme quadro se estende como página dupla. É o leitor que “dá voz” à representação visual, que produz uma narrativa interna, talvez mais cheia de sensações do que de palavras. A obra mais coloca perguntas do que responde ao leitor, desafiado a interpretar simbologias como a de animais estranhos que povoam muitas situações da história (um deles, na capa) – Por que estão ali? O que podem nos dizer ou representar?

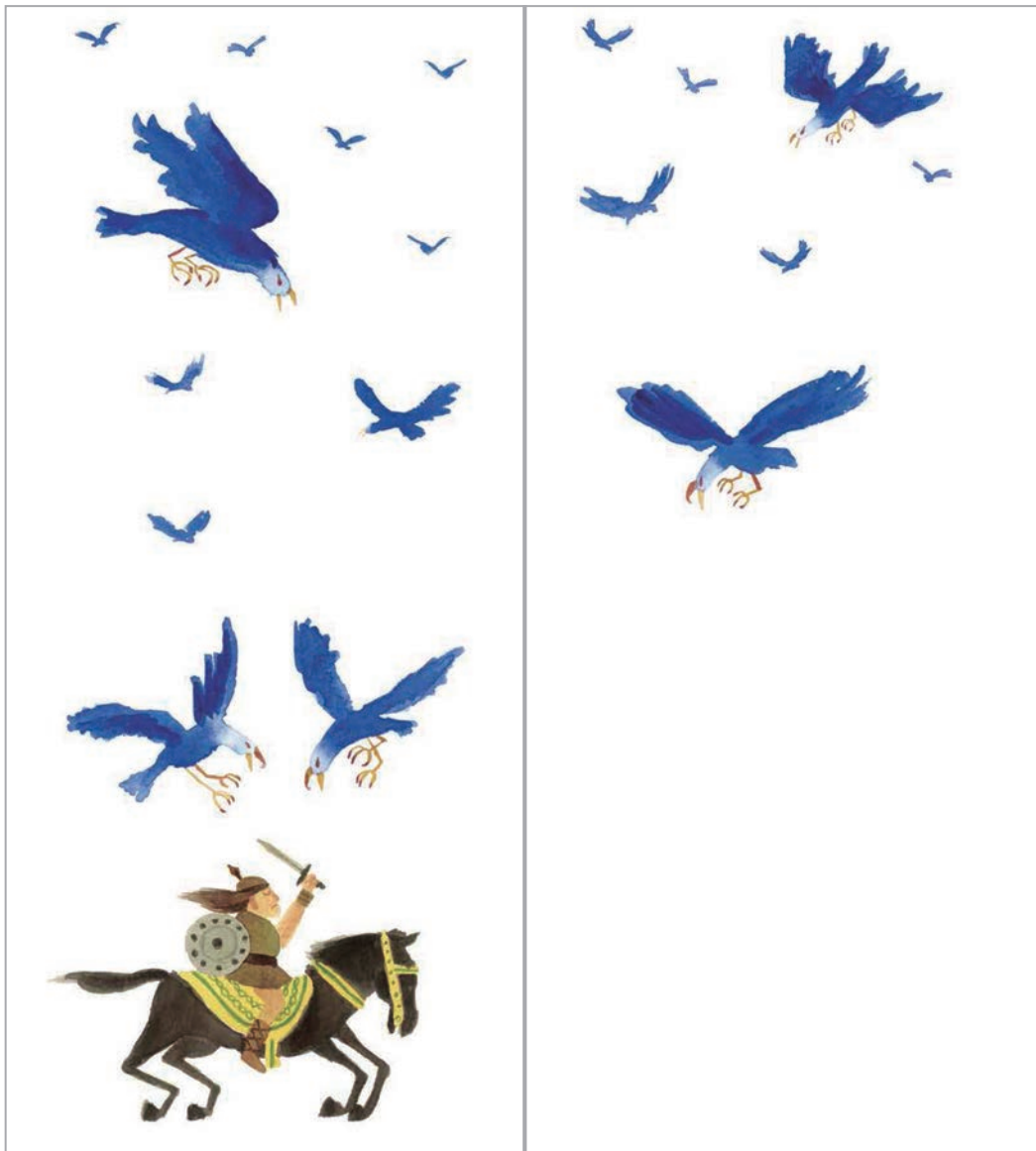
3. Título: Bárbaro

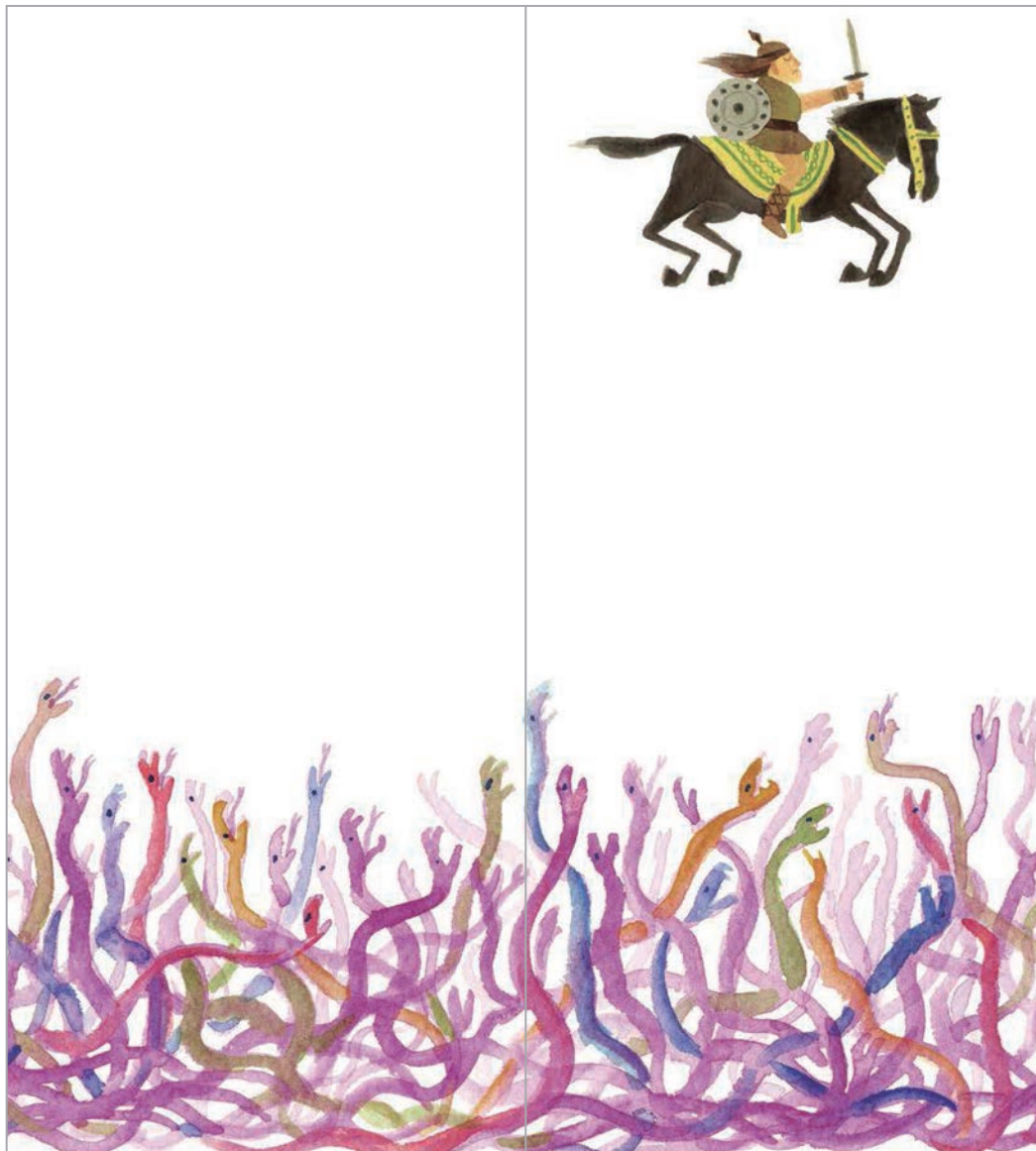
Autor: Renato Moriconi

Editora: Companhia das Letrinhas



Capa





Páginas internas

Bárbaro – obra sobre um bravo guerreiro que montou em seu cavalo e saiu em uma “perigosíssima” jornada. A criativa história, contada apenas com ilustrações, brinca com as imagens no espaço, construindo significados. O formato do livro é vertical, dando destaque ao personagem, na maioria das vezes localizado na metade superior das páginas, cujo fundo branco traz a sensação de que ele flutua.

A imagem do cavaleiro, sempre cavalgando, é desenhada do mesmo modo, nas diversas situações pelas quais ele passa, parecendo dizer ao leitor que o bravo homem segue inabalável, a despeito de qualquer ameaça. Até que o herói em seu cavalo é colocado na parte inferior das páginas finais do livro, e pela primeira vez abre os olhos, como que surpreso com uma visão diante dele, que o leitor ainda não vê. Sua expressão muda, decepcionada.

Na página seguinte, que forma dupla com outra, um rosto barbudo enorme, com dois braços estendidos, se debruça sobre ele: o herói cavaleiro abre uma grande boca. E chora.

Só então o leitor se depara, na sequência, com a imagem de um carrossel e seus belos cavaleiros de madeira na página da esquerda; na da direita, de mãos dadas com o pai, o garoto se afasta, como que saindo do livro, deixando o mundo da fantasia para trás. Hora de deixar de ser um bravo guerreiro e de voltar para casa.

Créditos: Editora Companhia das Letrinhas/Arquivo da editora.

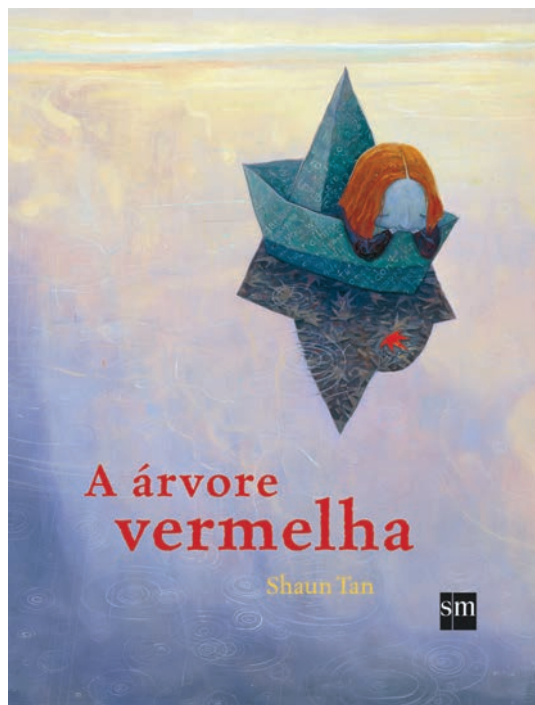
Legenda: Capa do livro *Bárbaro*, de Renato Moriconi. Editora Companhia das Letrinhas. Páginas internas do livro *Bárbaro*, de Renato Moriconi. Editora Companhia das Letrinhas.

Livros álbum com texto escrito

4. Título: **A árvore vermelha**

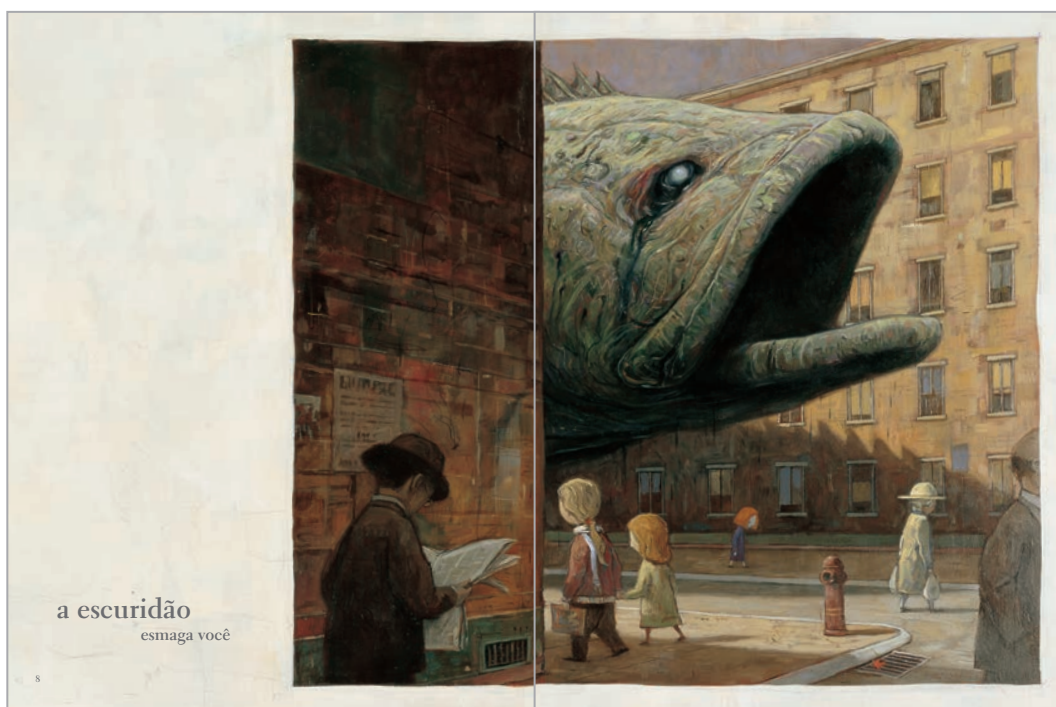
Autor e ilustrador: Shaun Tan

Editora: Edições SM



Capa

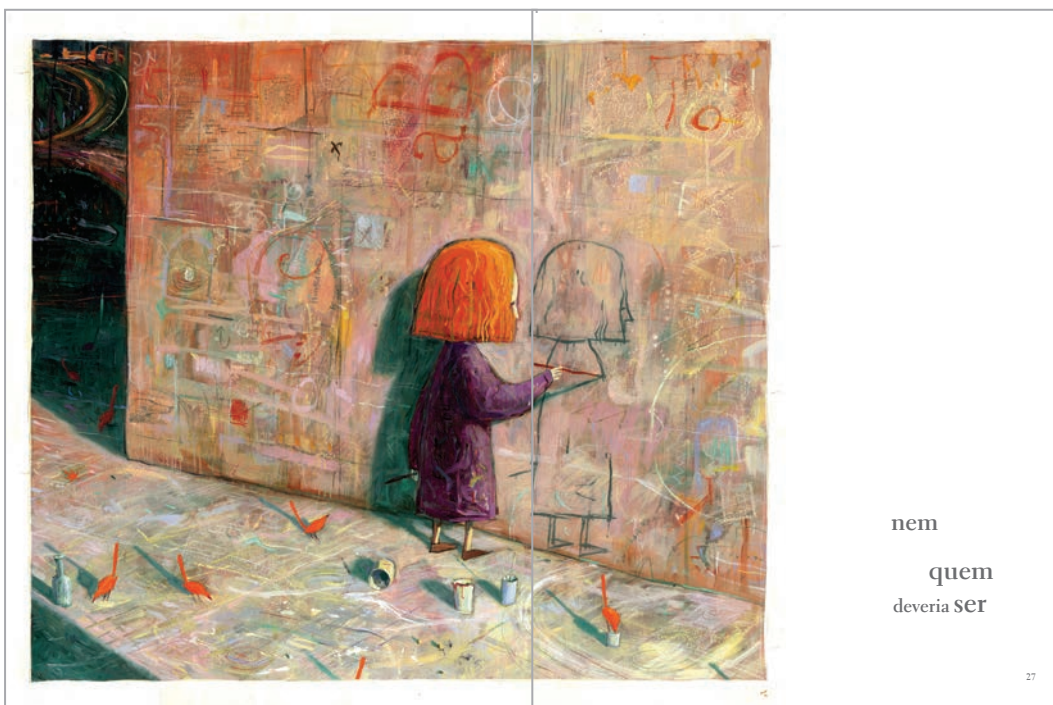
A árvore vermelha – ótimo exemplo de como as imagens podem conferir densidade ao sentido das palavras, imprimindo nelas um peso emocional. O leitor se vê diante de frases curtas e quase evasivas de uma menina em pleno desamparo que aparece em todas as páginas; e se vê diante de imagens que trazem um mundo fantasiado, em que os sentimentos são representados por monstros e tormentas. Predominam cores escuras, sombrias. As bordas das ilustrações variam nas suas dimensões, nas páginas: quando maiores, abrigam o texto, um espaço para a voz; quando menores, levam o texto para o interior das imagens. A personagem protagonista encontra algo esperançoso ao final da sua densa viagem interior.



Páginas internas

ESCOLA

Como criar um ambiente favorável à leitura na escola?



nem
quem
deveria ser

27

Páginas internas

5. Título: Onde vivem os monstros

Texto e Ilustração: Maurice Sendak

Editora: Cosac Naify

Em 1963, Maurice Sendak publicou *Onde vivem os monstros*, introduzindo uma nova concepção de livro, no caso, representando o inconsciente infantil. O autor-ilustrador revela a mente do personagem, um garoto que foi chamado de “monstro” pela mãe e mandado para o quarto sem jantar após fazer malcriações (ele havia saído fazendo bagunça, vestido com sua fantasia de lobo).

Sozinho, a imaginação dele é acionada e o quarto vai se transmutando em floresta. Enquanto a transmutação ocorre, em três páginas que se sucedem, a ilustração de cada uma vai aumentando de tamanho, toma a página toda, sumindo a moldura que a delimitava.

A partir daí, o leitor acompanha o personagem, que viaja pelo oceano em um veleiro e chega a uma ilha onde vivem os monstros.

Em vez de se assustar, Max, o garoto, silencia os monstros, que o fazem rei de todos eles. Max ordena, então, que comecem “a bagunça geral”. A ilustração se impõe, o texto desaparece por algumas páginas... até que o garoto manda os monstros para a cama sem jantar. Desejando estar em um lugar onde alguém gostasse dele de verdade, sente cheiro de “comida boa de comer”, que vem do mundo real. O garoto se despede dos monstros, retoma seu veleiro e volta para o quarto, onde encontrou o jantar em uma pequena mesa, perto da janela, esperando por ele.

6. Título: Vizinho vizinha

Autores: Roger Mello, Graça Lima e Mariana Massarani

Editora: Companhia das Letrinhas

Livro em formato horizontal – escolha dos autores que colabora muito para a construção de sentido: a página da esquerda conta a história que se passa no apartamento de um moço, enquanto a da direita conta o que acontece no apartamento de sua vizinha. Justamente no meio do livro encontra-se o corredor que separa ambos os apartamentos. Vivendo em apartamentos fronteiriços, os moradores veem-se no *hall*, geralmente no fim da tarde. Graficamente, portanto, o *hall* comum dos personagens é constituído por parte da página da esquerda e parte da página da direita. O leitor visualiza, do lado esquerdo a sala de um apartamento; ao centro visualiza o *hall*, e do lado direito visualiza a sala do apartamento da vizinha. Essa forma de organizar a ilustração mostra o que separa e o que une as pessoas nas grandes cidades. Cada parte é ilustrada por um dos artistas autores, explorando com essa brincadeira diferentes estilos e ambientações.

7. Título: A grande viagem da senhorita Prudência

Autora e ilustradora: Charlotte Gastaut

Editora: Ática



Capa

A menina brinca no quarto e quer continuar ali, mas a mãe de Prudência está chamando, quer tudo organizado e tem pressa. Prudência permanece no quarto e inicia uma viagem por mundos fantásticos, levando o leitor junto. Finalmente, responde à mãe que já vai atender ao seu chamado. As ilustrações têm cores e formas vibrantes, acentuando o gosto de Prudência pela aventura. O uso de tipografias diferenciadas representa a repercussão das falas da mãe em turbilhão, nos ouvidos da menina. Outras imagens fazem uso simultaneamente de cortes, texturas e transparências para apresentar a imaginação da menina.

Créditos: Editora Ática/Arquivo da editora.

Legenda: Capa do livro *A Grande Viagem da Senhorita Prudência*, de Charlotte Gastaut. Coleção Giramundo. Editora Ática. Páginas internas do livro “A Grande Viagem da Senhorita Prudência”, de Charlotte Gastaut. Coleção Giramundo. Editora Ática.

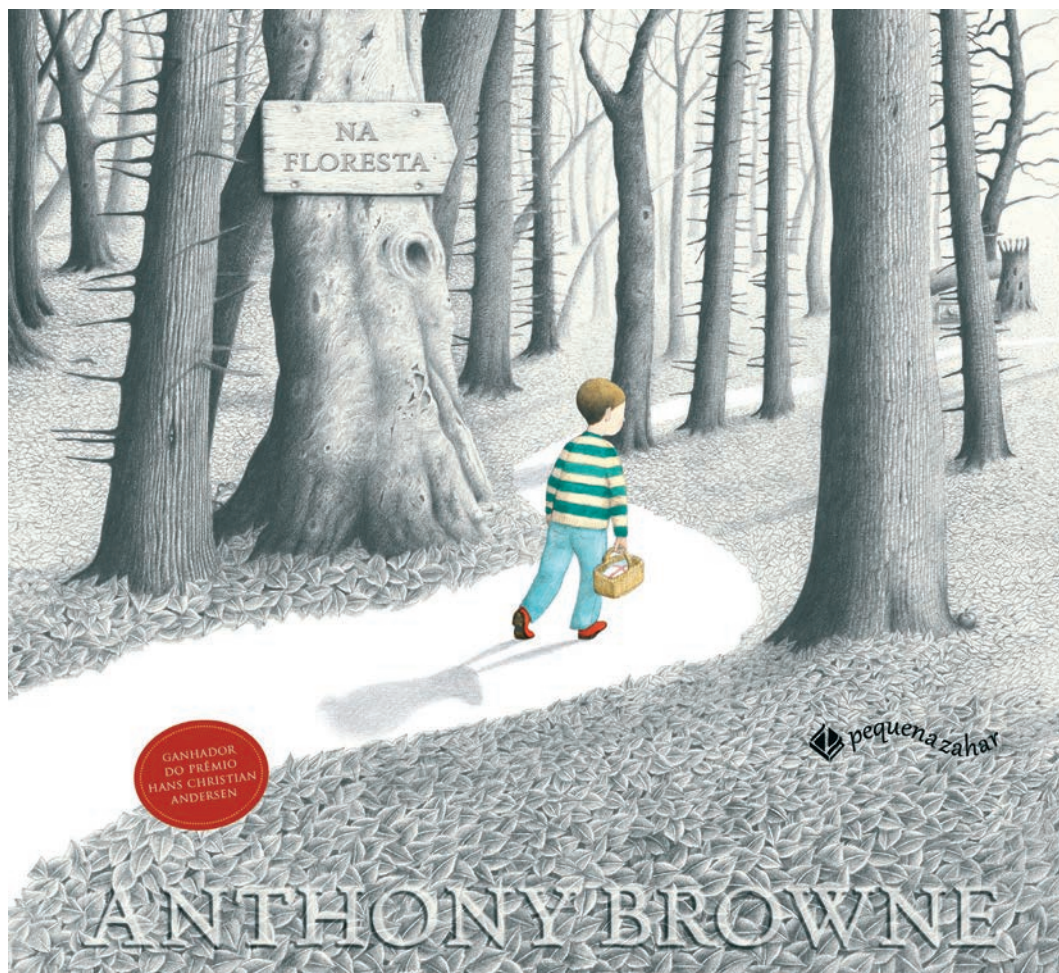


84

8. Título: Na floresta

Autor: Anthony Browne

Editora: Pequena Zahar



Capa



Página interna

Livros-álbum podem dialogar com outras obras, como fazer referência a contos tradicionais, aproveitando deles partes do enredo e/ou sua simbologia. Na obra *Na floresta*, por exemplo, o autor se vale do conhecimento dos leitores de enredos de contos clássicos. Remete-os a *Chapeuzinho Vermelho*, pois o personagem, um garoto que sente falta do pai, também se vê em uma floresta, na situação de escolher qual caminho tomar até chegar à casa da avó, que não está muito bem. Faz referência ainda à história de *João e Maria*, abandonados na floresta pelos pais – que é semelhante a como se sente o personagem. E ainda faz referências a *João e o Pé de Feijão*. Antes e depois do percurso pela floresta, as imagens são coloridas. Mas a floresta por onde caminha a criança é cinza, árida, sem folhas, dialogando com os sentimentos e a solidão do personagem. Os troncos das árvores possuem deformações, que em várias ocasiões se assemelham a “bocas” ameaçadoras à criança que por elas passa. Os sentimentos “cinza” do garoto são diluídos na chegada da casa da avó, quando as imagens se abrem em cores, como sente o coração do personagem, que lá encontra o pai.

9. Título: Eloísa e os bichos

Autor: Jairo Buitrago

Ilustrador: Rafael Yockteng

Editora: Pulo do Gato



Capa



Páginas internas

O Anexo 4, “Dicas para leitura de livro álbum”, poderá ser um bom aliado aos encaminhamentos de leitura junto às crianças e pode servir de referências para outras leituras do mesmo gênero.

O livro *Eloísa e os bichos*, assim como todos aqui citados, e muitos outros livros-álbum, oferece a oportunidade de valorizar a leitura das imagens na escola. A obra narra a história de uma menina que se vê diante de um mundo totalmente estranho, diferente daquele em que vivia, quando se muda com o pai para a nova cidade. Tanto se sente estranha que vê os habitantes como verdadeiros bichos. A ilustração interpreta os sentimentos da personagem e os potencializa – em vez de pessoas, o leitor se depara com besouros, lesmas, formigas e outros similares gigantes, figurando como verdadeiros desconhecidos, cheios de ameaça.

A apresentação dessas obras não esgota a enorme diversidade de livros de alta qualidade, mas possibilita apreender sobre a dimensão artística do livro-álbum e o valor de sua presença na escola.

Do livro-álbum à história em quadrinhos

Se olharmos a história em quadrinhos como uma obra de leitura, veremos que, assim como no livro-álbum, texto e imagem funcionam como um todo indissociável. O que falamos até agora sobre a leitura da imagem e a importância da educação visual aplicada ao livro-álbum vale também para a história em quadrinhos, mas é certo que nesse gênero a narrativa adquire algumas características particulares.

O livro-álbum e a história em quadrinhos têm em comum o fato de serem formas de comunicação baseadas na narrativa gráfica sequencial. No livro-álbum as imagens aglutinam em poucas cenas a essência da história; a história em quadrinhos, por sua vez, nos mostra passo a passo toda a sequência temporal, um conjunto de leis de subordinação e coordenação entre as imagens, vinhetas e espaços em branco, portanto, a relação com a passagem do tempo é a chave dessa arte.

A história em quadrinhos precisa ter um argumento, personagens e, principalmente, um roteiro para definir sua estrutura e dividir a obra em “quadros” e páginas. Em termos gráficos, o autor também terá de escolher que estilo de desenho adotará, como vai utilizar as cores e todos os outros recursos expressivos.

Algumas informações poderão despertar no mediador o interesse em incluir essa leitura na educação literária das crianças. Para tanto, ofereceremos algumas informações sobre os elementos composicionais dos quadrinhos.

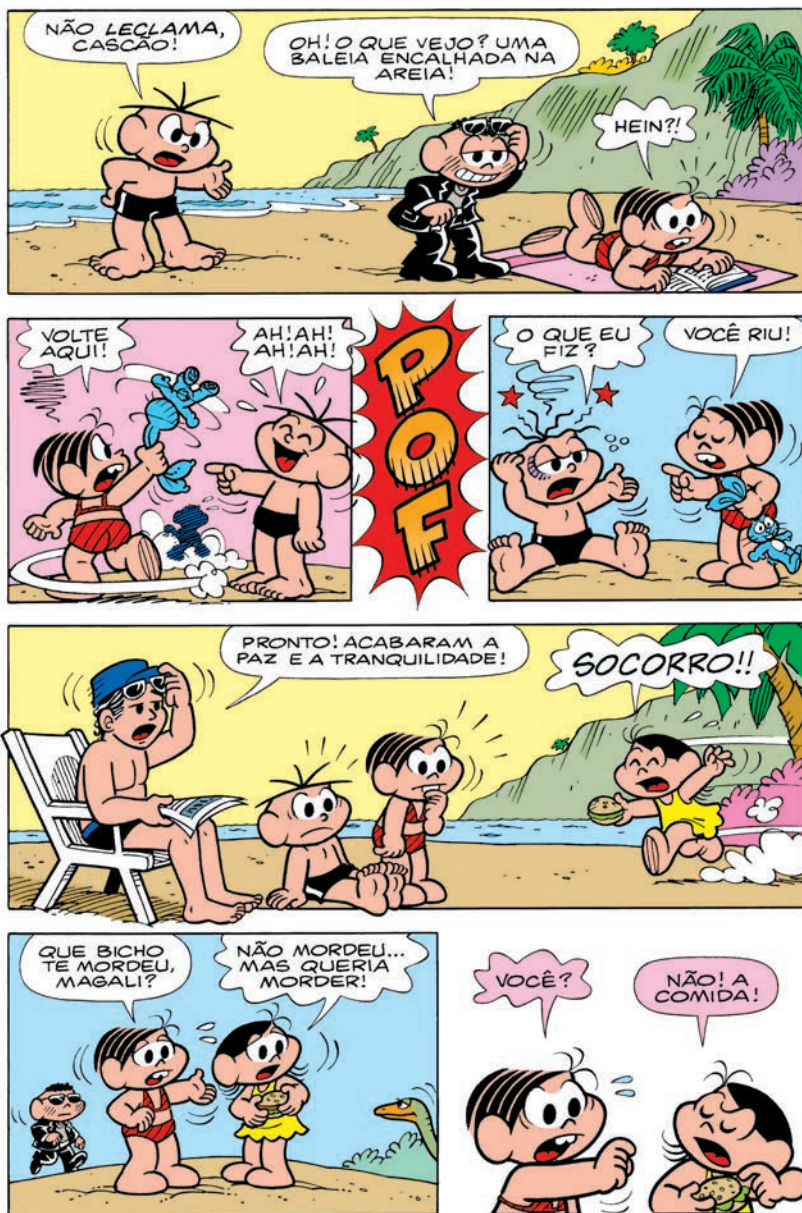
Um panorama sobre linguagem gráfica da história em quadrinhos

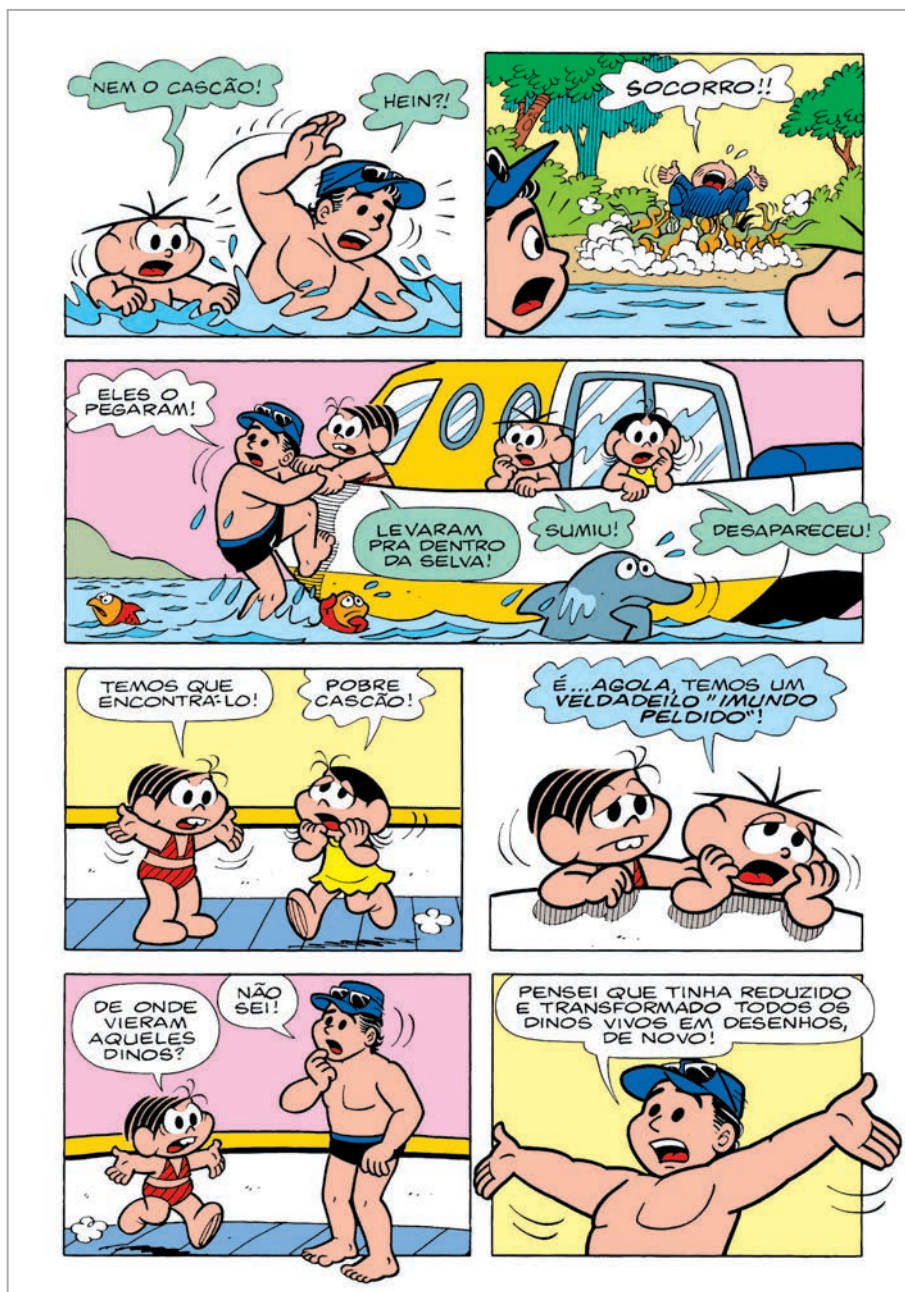
A imagem

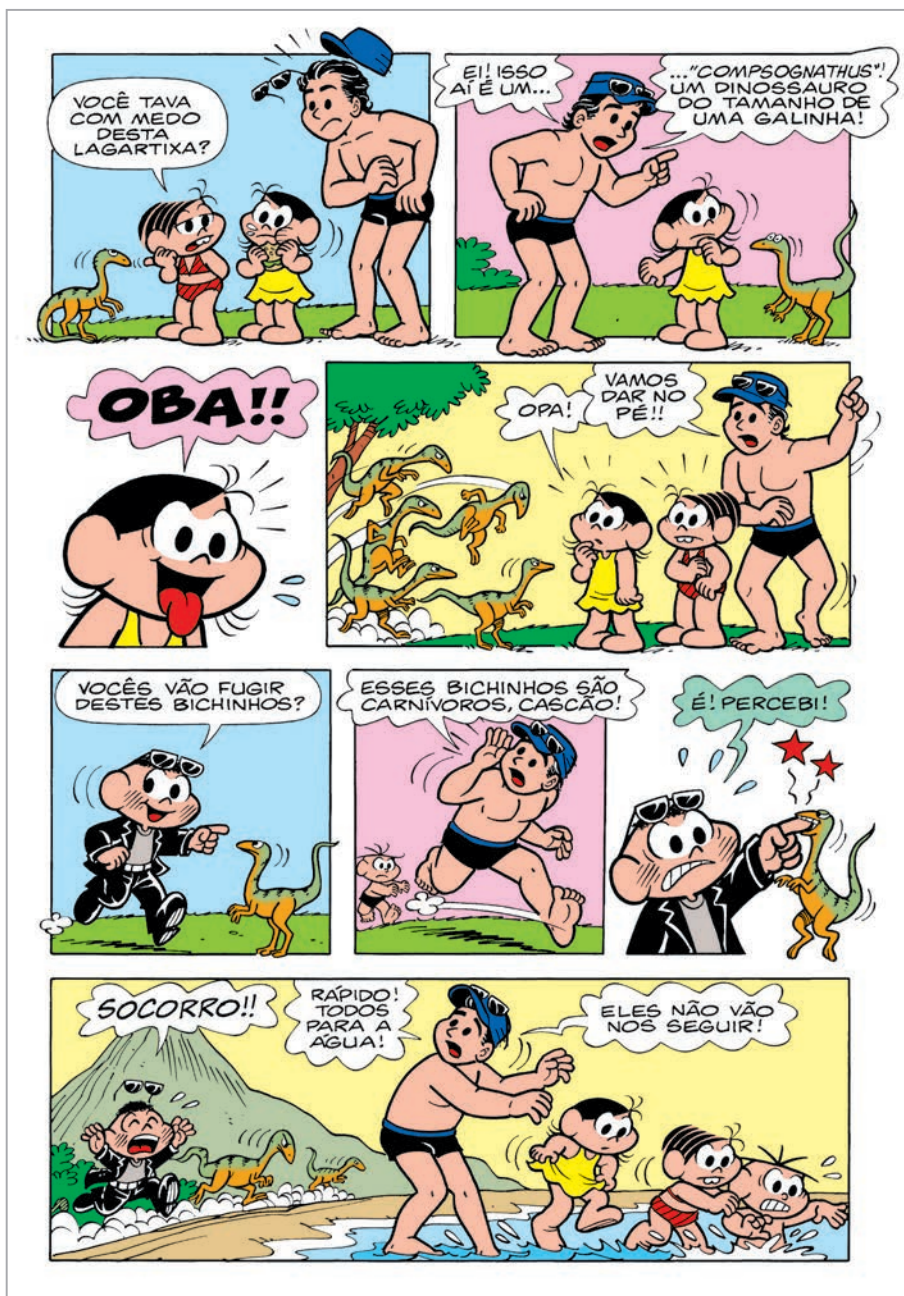
Esse interessante gênero, também chamado de “quadrinho” e gibi, pede que conheçamos pelo menos alguns de seus elementos constitutivos. Para exemplificar esses elementos, reproduzimos algumas páginas da história “Imundo Perdido – Horacic Park”¹³, criada por Mauricio de Sousa e sua equipe. A história dialoga com o filme de ficção científica Jurassic Park, dirigido por Steven Spielberg, lançado em 1993. O termo “imundo”, no título, faz referência ao personagem Cascão, do mesmo autor, por não gostar de tomar banho; e “Horacic” faz referência a outro personagem dessa turma, Horácio, um filhote de Tiranossauro Rex.

¹³Acessado em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/>>. Acesso em: 28 ago. 2016









Na categoria “imagem”, o quadrinho se constitui de vinhetas ou quadros, que são cada um dos segmentos em que a história se divide, que emolduram as ações. As formas mais comuns são o retângulo e o quadrado e podem variar de tamanho durante a história. O movimento da leitura de quadros e de texto escrito é da esquerda para a direita, acompanhando a realização de uma sequência narrativa.

Como se pode observar, as páginas aqui reproduzidas estampam vinhetas de variados tamanhos, maiores e menores se intermediando, e situações em que a delimitação gráfica se limita à parte inferior do desenho. Às vezes, parte do corpo dos personagens ultrapassa o limite do quadro.

Planos e ângulos de visão: são os mesmos elementos da linguagem do cinema aplicados ao desenho editorial. O uso desses elementos permite dar tensão à narrativa, peso emocional às cenas e ritmo adequado à história. Tudo que está no quadrinho é chamado de “plano narrativo”. Os planos também podem ser variados e têm denominações e funções diferentes:

- *plano panorâmico:* mostra um cenário de forma bastante ampla, sem envolver muito o leitor com o personagem;
- *plano geral:* mostra a relação do personagem com o ambiente;
- *plano americano:* mostra boa parte do corpo de um personagem, o enquadramento vai da cabeça até a cintura ou coxa; é um plano narrativo e dramático;
- *plano italiano:* um pouco mais fechado, mostra o personagem a partir do tórax, possibilitando um pouco mais de intimidade com o personagem;
- *close:* esse plano ocorre quando se dá um zoom e se mostram os elementos do rosto do personagem, dando uma percepção mais clara das suas emoções.

Ângulos: é como se uma “câmera” fosse posicionada em diferentes ângulos. Isso dá força às ilustrações, multiplicando os efeitos expressivos dos personagens.

- *ângulo normal ou natural:* quando o ponto de vista do desenhista está ao alcance dos nossos olhos, o ângulo está à altura dos olhos dos personagens (3ª página);
- *ângulo picado:* quando o leitor pode admirar a cena de cima (1ª vinheta, na 1ª página, por exemplo);
- *ângulo contrapicado:* o leitor admira a cena de baixo (última vinheta, da 3ª página).

O texto escrito

Legenda: ao nos encontrarmos com o texto dentro de uma história em quadrinhos, precisamos saber diferenciar entre a voz externa de um narrador e a voz dos personagens. Quando o texto é a voz do narrador, geralmente vem no alto da vinheta e é chamado de “legenda” (na 2ª vinheta da 1ª página: “Ilha ‘Morna’, um lugar paradisíaco, cheio de paz e tranquilidade”...).

Balão: utilizado para situar as falas dos personagens. Parecendo sair da boca dos personagens, podem ser desenhados de muitas formas, em linhas tênues ou acentuadas, para dar mais realidade ao que está sendo dito e demonstrar as emoções dos personagens. Com linha fina, ovalada, ondulada, com dentes de serra, mostram de forma diferenciada um grito, um pensamento, um sonho ou um cochicho e espanto.

Onomatopeias: representam visualmente o som, utilizadas para dar mais força gráfica à ação e mais expressão aos personagens. Um exemplo no espaço entre a 1ª e a 2ª vinhetas da 2ª página: “POF” é o som do coelho chocando com o rosto do personagem Cebolinha.

Linhas cinéticas: são linhas que mostram a trajetória do movimento, criando a ilusão de que eles ocorrem, como podemos observar na 4ª vinheta da 4ª página.

O Anexo 5, “Dicas para leitura de história em quadrinhos”, oferece alguns caminhos para se trabalhar em sala de aula ou em outros espaços de leitura.

Esse detalhamento reforça a ideia de que a história em quadrinhos não é uma leitura menor, que serve apenas como um degrau intermediário para maus leitores, na esperança de que deem o salto para a leitura narrativa, aos “verdadeiros” livros. Ler uma história em quadrinhos, semelhante ao livro-álbum, requer a capacidade de acompanhar vários discursos narrativos simultaneamente: os quadros do narrador, os balões, as onomatopeias, a leitura da imagem etc.

As páginas que dedicamos até o momento à leitura, às obras literárias e aos espaços de leitura são parte das reflexões que podem ser estabelecidas sobre esse potente universo cultural que nós, como adultos e educadores, temos o dever de apresentar a todos os nossos meninos e meninas, na escola e fora dela, como uma assinatura que sela um compromisso humanitário, ético e cidadão com a infância.

Bibliografia de referência

ARIZPE, Evelyn. *Imagens que convidam a pensar* – o livro-álbum sem palavras e a resposta leitora. In *Revista Emília*, fevereiro de 2014. Disponível em: <www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=380>. Acesso em: 28 ago. 2016.

BARÓ, Mònica; MAÑÀ, Teresa; VELLÓSILLO, Inmaculada; MIRET, Inés (2011). Biblioteca escolar i lectura. A: Ballester, Josep [ed.] *Sobre l'horrible perill de la lectura*. Catarroja: Perifèric, págs. 187-198.

BORDA CRESPO, María Isabel (2005). *Los libros de conocimiento en la biblioteca escolar*. A: Primeras Noticias. Literatura Infantil y Juvenil. Barcelona, núm. 211, págs. 41-46. Disponível em: <www.fundaciongsr.org/documentos/7268.pdf>.

CASSANY, Daniel (2006). *Rere les línies. Sobre la lectura contemporània*. Biblioteca Universal Empúries. Barcelona: Empúries.

OCDE (2010). Pisa 2009. Programa para la Evaluación Internacional de los Alumnos, pág. 125. Disponível em: <www.educacion.gob.es/horizontales/prensa/notas/2010/12/informe-pisa.html>.

PRENSKY, Mark R. (2010). *Teaching Digital Natives: Partnering for Real Learning*. Thousand Oaks: Corwin Press.

ROCA, Genís (2012). “Educació, Participació i Xarxes Socials”. Conferència inaugural del curs 2011-2012 de la Facultat de Ciències de l'Educació de la UAB, 11-10-2012. Online: <www.uab.es/videos/>.



ANEXOS

ESCOLA

Como criar um ambiente favorável à leitura na escola?



Anexo 1

Diretor - sugestões de ações para o fortalecimento da leitura

Neste documento, tratamos de algumas competências e sugerimos ações sob a liderança do diretor escolar que possibilitarão a constituição da escola como comunidade leitora.

- É da competência do diretor assegurar condições para que o bibliotecário ou responsável pela sala de leitura possam encaminhar formas de distribuição dos livros pela escola: sempre na biblioteca central (ou outro local em que se concentra o acervo) e em carrinhos (ou outros meios de locomoção) para circular pelas salas e pátio, de formatos e materiais variados; em bancadas, em armários nos corredores, abertos nos intervalos. Serão opções essenciais principalmente para a escola que ainda não tenha uma biblioteca.
- O diretor e o coordenador pedagógico investirão na formação do professor como formador de leitores – como aquele que reflete sobre o encaminhamento de situações didáticas de leitura e de escrita. Especialmente, investirá na formação do professor como leitor – promovendo rodas de leitura entre adultos, empréstimos de livros da escola e entre si.
- Será produtivo promover como rotina semanal, quinzenal ou mensal uma roda de leitura com os funcionários de serviços gerais. Haverá professores revezando-se como leitores, ou os próprios funcionários poderão se descobrir também como ótimos declamadores de poemas e de trovinhas, como contadores de causos e de histórias de tradição oral.
- É primordial incentivar a participação dos pais como colaboradores, orientando-os a elogiar os filhos quando emprestam livros da escola, a dedicar um tempo ao lado do filho para folhear, comentar e ler os livros levados para casa; a visitar a biblioteca com o filho, pedindo que lhe mostre o acervo e os livros de que mais gosta – mesmo que seja a pequena biblioteca da sala.

- Recomenda-se orientar os pais a cuidar do livro juntamente com o filho, a pedir livros, jornais e revistas para vizinhos e parentes, e levar para casa, colocando-os em um lugar especial, para o acesso de toda a família.
- O diretor poderá liderar campanhas de arrecadação de livros, feiras de trocas, além de solicitar doações de livrarias e de editoras.
- Diretor e coordenador pedagógico poderão investir em rodas de conversa com autores de obras literárias para a infância. É muito motivador – e atende ao comportamento leitor de desejar conhecer quem escreveu o livro que tanto agradou.
- Será socializador incentivar a realização de saraus em que os alunos, seus professores e os livros ocupem posição de destaque.
- Pode ser muito interessante garantir um horário coletivo de interação entre professores e alunos que não sejam os seus, por exemplo: cada professor seleciona uma leitura que deseja realizar, escreve a resenha do livro e divulga na escola para os alunos (no mural ou em panfletos). As crianças se inscrevem para ouvir a leitura que mais lhes interessar. Durante 15 a 20 minutos de determinado dia, toda a escola participará, ao mesmo tempo, em salas diferentes, da leitura em voz alta realizada pelos professores. Essa atividade pode ser realizada de maneira habitual, quinzenal ou mensalmente. Permite que alunos de diferentes idades interajam em uma mesma atividade, ao mesmo tempo, e que os professores entrem em contato com diferentes crianças e jovens¹⁴.
- Outra importante ação é garantir condições para que os professores realizem a proposta da “sacolinha de leitura”: em sistema de rodízio, cada criança levará para casa uma sacola produzida para esta ação, com livros da escola para leitores variados, incluindo publicações que possam interessar a toda a família (revista de receitas, sobre plantas, artesanato, livro de curiosidades, de adivinhas etc.).

Na sacolinha pode haver um caderno em que os pais ou um irmão registrarão algo sobre o material ou sobre a experiência de leitura em casa. A criança compartilhará com os colegas e o professor, no dia combinado. Quando a criança retira um livro da biblioteca ou sala de leitura e leva para casa, uma forma de valorizar ainda mais essa escolha é combinar que vão compartilhar com os colegas, na roda de leitura, no dia combinado, o que mais lhe chamou a atenção nessa leitura...

¹⁴ Esta sugestão foi inspirada no projeto desenvolvido em Barcelona, Espanha, chamado: Acompañamiento de la enseñanza em los Joardines de Infantes.

Compartilhar uma ação da escola com a família contribui para fortalecer o diálogo entre as duas instituições, amplia a participação dos pais na vida escolar dos filhos e também contribui para aproximar e estreitar os vínculos familiares.

- Uma excelente oportunidade a ser criada pela gestão pedagógica será a eleger uma das reuniões de pais para tratar do valor da leitura: uma sala com os belos e bons livros do acervo distribuído pelo PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola) fará sucesso. Uma leitura expressiva, em uma grande roda de leitura, promovendo a interação dos pais com os livros e entre si agradará bastante. E, se o livro tiver imagens, admirar as ilustrações em diálogo com os textos trará momentos de lazer e de reflexão aos corações dos adultos que valorizam a infância.

Outras oportunidades para aproximar os familiares dos livros será a apresentação dos novos títulos recebidos ou adquiridos pela escola – em que se aproveita para divulgar e ler as histórias que fizeram mais sucesso entre os alunos. Nessas reuniões de pais, inclui-se o convite a eles, para que conversem com os filhos sobre as histórias que estes conheceram nos livros que leram ou que foram lidas pelos professores.

Os diretores de escola e sua equipe, que se conhecem, e conhecem também as famílias de seus alunos, são as grandes autoridades para avaliar a pertinência destas propostas. E para criar outras com o propósito de fortalecer a comunidade como leitores junto das suas crianças.

Anexo 2

Coordenação pedagógica - sugestões de ações junto aos mediadores de leitura

Sugestões sobre como apoiar os mediadores nas atividades de leitura

- Parece-nos adequado considerar que ao coordenador pedagógico cabe abrir espaços para refletir com o professor sobre a seleção de livros para compor a biblioteca da sala, variando o acervo periodicamente, mesclando os acervos das salas, sempre garantindo livros de diversos gêneros e também a presença de outros portadores, como jornais, gibis, revistas, incluindo enciclopédias e dicionários.
- Dependendo da rotina de leitura planejada pelos mediadores – nos diferentes espaços: sala de aula, sala de leitura e/ou biblioteca – , para a semana ou para o mês, o coordenador poderá discutir com os mediadores de leitura, a inter-relação entre as ações, a possibilidade de destinar um período do mês para estudar determinado gênero, como as fábulas, adivinhas, mitos, lendas, poemas. Também é possível determinar períodos para conhecer obras de determinados autores. Considerando sempre todo o percurso escolar dos estudantes e a variedade e constância de oportunidades para a formação de um leitor.
- O coordenador pedagógico poderá propor que os mediadores de leitura observem leituras em voz alta feitas pelos colegas aos alunos, para aprenderem com ele, se necessário, sobre o valor de uma leitura expressiva – e o quanto isso envolve as crianças e as motiva a encantar-se com a literatura.
- Em estudos com o grupo de mediadores de leitura que envolvem os mesmos segmentos, poderão planejar aulas de leitura com um foco de reflexão, combinado com eles, para compartilharem seus sucessos, dúvidas e dificuldades.
- É produtivo e dinamizador planejar atividades com os mediadores de leitura que promovam interação entre as salas: um grupo lê fábulas ou contos, outro decora poemas para declamar para outros grupos; planejar procedimentos de leitura de livros não ficcionais para uma apresentação oral sobre o assunto nas salas do mesmo segmento – ou para colegas de outros segmentos.

Sugestões que podem auxiliar no apoio aos professores de sala de aula

- Orientar o planejamento de aulas de leitura em voz alta pelo professor, nas rodas de leitura, que atendam ao perfil e às necessidades dos grupos.
- Orientar aulas em que os alunos leiam livremente os livros da pequena biblioteca de sala, por um tempo combinado, aprendendo sobre onde buscá-los e como guardá-los, para serem facilmente localizados em outra situação. Além de ler, as crianças aprenderão sobre cuidados e organização dos livros.
- Orientar a localização e as possibilidades de uso do precioso “cantinho de leitura”, essencial em todas as salas – aquela pequena biblioteca com um tapete e almofadas ao lado, que atenderá a variadas situações:
 - Leitura livre antes da aula, enquanto se espera a chegada dos amigos, para se ler nas almofadas ou nas carteiras.
 - Leitura livre, no primeiro momento da aula, em vez de realizar naquele dia a roda de leitura.
 - Leitura de um livro, para depois apresentar aos colegas algum aspecto que tenha chamado sua atenção ou justificando por que fez determinada escolha. São momentos que também colaboram com aqueles que precisam fortalecer a construção do sistema alfabético.
- Importante discutir sobre a seleção de livros pelos professores, que serão disponibilizados a pequenos grupos de alunos, para exploração livre seguida da escolha de um título de que mais agradou, para ao final apresentar oralmente a todos, justificando por que essa obra merece ser compartilhada. A criança será orientada a dizer o título, o autor, a editora, o ilustrador; poderá citar o conflito central; apresentar um personagem; ler um trecho especial. A aula se fecha com o professor gerenciando uma conversa em que as obras, em variados aspectos, podem ser comparadas, despertando também o desejo de serem lidas na íntegra.

É uma encantadora situação pedagógica que oportuniza desenvolver comportamentos leitores, que promove interações motivadas pela leitura.

- O coordenador poderá ter como meta, juntamente com os professores, que aulas planejadas para um grupo se relacionem, de forma coerente e sistêmica, com as ações da escola como um todo:
 - Leitura de poemas, para seleção daqueles que serão declamados pela turma no sarau da escola em que os pais estejam convidados.
 - Leitura de poemas/fábulas etc. que serão selecionados para compor uma coletânea que represente os gostos de todas as salas de aula daquele segmento ou leitura para escolha de poemas que comporão um colorido e ilustrado varal de poesias em um evento especial.



Sugestões que podem auxiliar no apoio aos mediadores dos espaços de leitura

- Juntamente com os mediadores dos espaços de leitura, o coordenador poderá começar avaliando a distribuição das mesas e das prateleiras e a sinalização delas; e a adequação das seções criadas para agrupar os livros.
- Como parceiros, poderão tratar da orientação aos alunos sobre o uso do sumário ou do índice para auxiliar na busca de informações; orientar sobre a função dos títulos e subtítulos, sobre a função do negrito, a consulta a mapas, a leitura das legendas e o uso das cores, a leitura de gráficos e tabelas.
- O coordenador discutirá com os mediadores de leitura a produção de cartazes para divulgação dos títulos novos recebidos ou adquiridos pela escola: apenas os títulos deles, títulos acompanhados de resenhas; títulos e resenhas com informações sobre autores e ilustradores, de forma atrativa (reprodução das capas, por exemplo; fotos dos autores e dos ilustradores).



Anexo 3

Práticas nos espaços de leitura

A todos os mediadores de leitura – professores e profissionais de biblioteca ou de sala de leitura – seguem algumas propostas permeadas por reflexões que colaboram para o fortalecimento do seu trabalho na sala de aula ou em espaços específicos/coletivos de leitura

- **Conhecer o acervo e a organização dos livros**

Atividade essencial é organizar os alunos para conhecerem os livros ficcionais e não ficcionais que a escola possui, levando-os a visitar os espaços de leitura. O primeiro procedimento poderá ser visualizar os livros organizados nas prateleiras e identificar os títulos atribuídos a cada conjunto, como “meios de transporte”, “animais domésticos”, “alimentação”, “corpo humano”, “esporte”, “história do Brasil” – dentre as possíveis formas de classificação.

Os livros de cada conjunto poderão ser distribuídos em mesas. Cada dupla de alunos ou pequenos grupos escolherá um conjunto de livros que vai conhecer melhor – ou até com os quais vai trabalhar, caso estejam ali para iniciar uma pesquisa.

Como não é possível em uma visita que todos os alunos acessem todos os livros, poderão iniciar a atividade com um objetivo: conhecer os livros, para fazer uma rápida exposição aos colegas. Iniciarão já sabendo o que poderão apresentar: título, autor, editora, assuntos de que trata, alguma curiosidade específica – a parte da apresentação do livro, o texto da quarta capa ou a orelha do livro trará como informação.

- **Conhecer o acervo para fazer pesquisa**

Em vez de levar livros já selecionados para os alunos trabalharem, na sala de aula ou na mesa da biblioteca, o mediador poderá intermediar o contato dos alunos com as obras. Poderá orientar o contato com os livros das prateleiras específicas: começar pelas folhas iniciais, para conhecer os índices e/ou sumários, os primeiros orientadores além do título. Os alunos irão às páginas indicadas no sumário para verificar os textos ali desenvolvidos.

Para aprender sobre sumário, poderão incursionar por outro caminho: folhear os livros, com o objetivo de reconhecer de outra forma suas “partes”, sua organização, comparando como é buscar os assuntos pelo sumário e como é buscar folheando.

O grupo (ou pequenos grupos) observará que recursos visuais existem para informar sobre os assuntos além dos textos escritos – vão se deparar com fotos, gráficos e outros tipos de ilustrações.

Será um valioso caminho para aprender onde encontrar a informação, como selecioná-la, como saber se será útil, como avaliar sua qualidade e, principalmente, como consolidá-la para produzir conhecimento. Hoje, essa é uma habilidade essencial, intimamente relacionada a uma prática de leitura eficaz.

Que a pesquisa dos alunos, para produzir textos – já que ler e escrever é um conjunto –, tenha um propósito comunicativo: produzir um texto a ser exposto no jornal mural da sala ou da escola; produzir um texto para ser estudado e apresentado oralmente aos colegas, para conhecerem mais sobre determinado assunto, em um seminário, por exemplo.

• Leitura livre

Para ler é preciso ter tempo. Ou encontrar tempo, como se encontra para tantas outras atividades que se queira realizar. Para driblar questões desse tipo, muitas escolas, principalmente as do Ensino Fundamental, determinam um horário por semana nos espaços coletivos de leitura, estipulado para todas as séries.

Durante essa hora os alunos podem iniciar a leitura de um livro que depois pegarão emprestado e levarão para casa ou para a sala de aula, folhear uma revista, ler uma história em quadrinhos, simplesmente ler, olhar um livro sobre aquele assunto apaixonante ou então acessar um blog favorito etc., se houver computador no espaço. Tudo depende do conceito que se tenha de leitura e de espaços coletivos de leitura. Mas é inegável que todas são práticas de leitura que, nesses espaços, adquirem um significado especial, uma vez que acontecem em um ambiente pensado especificamente para isso – e que seja silencioso, confortável e interessante.

• Clubes de Leitura

Os espaços coletivos de leitura, na escola, podem ser a sede para grupos de meninos e meninas se reunirem mensalmente, por exemplo, para discutir leituras realizadas – geralmente combinadas ao final de cada encontro. Ideal é que não seja nem reduzido nem grande demais, pois é importante garantir que todos falem.

O mediador de leitura fará o convite aos alunos, organizando a constituição dos grupos – que poderão participar dos encontros em horário oposto ao das aulas. Tanto o mediador poderá apresentar autores e obras aos alunos quanto o próprio grupo levará sugestões. Os clubes podem escolher leituras pelo gênero, pelo autor ou o tipo “uma leitura puxa outra”, de um repertório mais abrangente.

A biblioteca poderá promover a socialização a distância dos jovens leitores, por meio de comunidades virtuais participantes de blogs ou grupos em comunidades sociais digitais – em que escreverão sobre livros.

De forma presencial ou por escrito, a leitura compartilhada produz a percepção de pertencimento a um grupo de leitores e permite a troca de experiências e opiniões sobre uma prática em comum. Falar dos livros que lemos nos obriga a organizar as ideias e a encontrar as palavras para expressar com precisão o que queremos dizer, nos ajuda a diferenciar a descrição de uma análise e contribui para nos autoafirmarmos a partir de nossas opiniões. Escutar a opinião de outros sobre os livros que leram desperta nossa curiosidade, nos mostra outras formas de dizer as coisas, nos ajuda a conhecer outras experiências pessoais e a respeitar o outro.

É inegável que quem mais se interessa em participar de um clube de leitura são as pessoas que já leem, e para muitas esse apelo da socialização acaba sendo um atrativo. As bibliotecas escolares podem oferecer essas mesmas atividades às famílias. Também para uma criança saber que a mãe ou o pai não estão em casa porque estão na biblioteca da escola “falando de livros”, em um clube de leitura ou utilizando computadores para ler e conhecer, é uma grande motivação e amplia o diálogo em casa sobre os livros e as experiências com ele. A ideia não será utópica até que alguém se proponha a encaminhá-la. E por que não o mediador de leitura, se puder contar com o apoio do diretor, do coordenador e dos professores, em uma comunidade de leitores?

Todos, porém, terão sempre um objetivo claro: que estimular o hábito da leitura e a compreensão daquilo que se lê é um fator essencial para melhorar o desempenho escolar das crianças e torná-las legítimas cidadãs.

• Rodas de leitura

Os espaços coletivos de leitura são ideais para realizar rodas de leitura. O mediador fará a leitura em voz alta de textos que selecionará, considerando o público que já conhece. Ensaiará a leitura, considerando os recursos expressivos a serem utilizados – mudando o ritmo da leitura, de acordo com os fatos e emoções a

serem suscitados; variando a altura e o tom de voz, imitando a voz de personagens etc. Não será necessário se caracterizar – colocar fantasias, pintar o rosto ou algo parecido. Afinal, estará realizando leitura, valorizando o texto e não interpretando uma peça de teatro.

• **Conversar com autores**

Quem já ouviu ou conversou com um autor querido sabe o que isso significa. Quem não fez pode avaliar. Levar um autor à escola para conversar com os alunos pode não ser tão difícil e certamente será uma experiência inesquecível. Se a biblioteca não for ideal, o pátio da escola ou uma sala de aula maior poderão ser o espaço ideal para receber esse convidado especial. Inegável que diretor e coordenador pedagógico são fortes parceiros nessas situações. Os alunos precisarão conhecer algumas obras desse autor, preparar algumas perguntas e comentários, para tornar a experiência, além de agradável, mais produtiva. Isso tudo vale também para ilustradores. Até a conversa com um editor pode ser um momento privilegiado.

• **Parceria com espaços externos de leitura**

Será papel do mediador pesquisar programas de bibliotecas públicas e programações culturais no bairro ou na cidade, para divulgá-las e até trazer atividades para a escola que expandam as experiências culturais das crianças.

Pode ser outra rica experiência a ida de grupos a livrarias para lançamentos ou para comprar livros com recursos conseguidos em um evento da escola. Aí atuam mediadores de leitura e outros atores para acompanhar as crianças.

• **Carteirinha do leitor**

Embora os espaços de leitura até possam contar com programas eletrônicos para catalogação e sistema informatizado de empréstimo dos livros, parece ainda sedutor que os pequenos tenham a “carteirinha de leitor” para realizar retiradas e devoluções com prazos e regras organizadas para o bom funcionamento da circulação do acervo.

Por fim, esses espaços que acolhem a leitura precisam oferecer conforto aos leitores, que seja adequado a suas necessidades: um cantinho onde possa se isolar; tapetes sobre o qual se possa ler um gibi, à vontade; mesas e cadeiras para trabalhar e computadores para poder visitar virtualmente outros países. Países do reino da geografia, da antropologia, da sociologia, da economia... e países do reino da emoção, das sensações, das reflexões e compreensões sobre o que é, o que comporta e em que implica existir.

Anexo 4

Dicas para leitura de um livro-álbum

Caro mediador de leitura – professor e demais mediadores de espaços de leitura –, o objetivo deste documento é recuperar algumas características do livro-álbum e oferecer sugestões de encaminhamentos de leitura. A obra *Adelina Gelatina*, comentada abaixo como perspectiva de trabalho junto às crianças, traz algumas orientações que podem ser referência para seu trabalho cotidiano com outras leituras.

Esperamos que sejam úteis!

Vamos relembrar que um livro-álbum lida com vários argumentos que contracenam e colaboram para “contar” a história. Vamos destacar o que está muito evidente nesta obra que trazemos como exemplo para leitura. O que poderemos observar:

- O texto escrito: o que diz explicitamente e o que diz “por trás dele”, ou seja, o que interpretamos; como o texto está representado (tipos diferentes de fonte, diferença do traçado e de tamanho, diferença de cor e intensidade do traçado);
- O texto visual, a imagem: o que mostra explicitamente e o que podemos interpretar a partir do que mostra; o quanto a imagem confirma ou nega o texto; o que a imagem acrescenta ao texto, complementando-o; as cores utilizadas;
- O recurso gráfico para apresentar o texto e a imagem: o texto apresentado de forma convencional, em parágrafos, ou apresentado de outra forma;
- Nessa obra não há destaque para o portador, como o formato do livro e material utilizado, por exemplo.

Lembremos que as possibilidades de mediar a leitura são diversas – ou podem se cruzar. Quando você, mediador de leitura, estiver lendo e mostrando as imagens aos alunos, leve em conta as reações das crianças e de que forma dialogam com a obra, construindo sentido, expondo suas interpretações.

Libere as crianças para comentarem, para terem dúvidas e se emocionarem. Se considerar importante, chame a atenção para alguns detalhes. Exponha suas curiosidades, incentivando que as crianças respondam, voltando às páginas do livro. Solicite que justifiquem suas interpretações e emoções apoiadas no que está escrito, nas ilustrações, no uso do espaço, nas cores existentes, na tipografia etc. A verbalização colabora para que todos fiquem mais atentos ao que pensam e ao que sentem. Ajude-as a relacionar texto-imagem-suporte, caso na obra isso seja importante.

Você poderá se apoiar em algumas sugestões gerais aqui apresentadas, tendo o cuidado, sempre, de não segui-las como regra, mas de avaliar se são adequadas para mediar a leitura da obra que estiver em mãos, com as crianças.

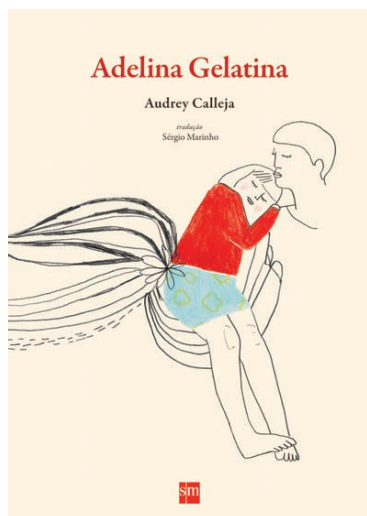
Como pode se dar o manuseio das páginas e o movimento do olhar:

- Você poderá ler, avançando ou retrocedendo as páginas, sempre que considerar necessário ou a partir de uma dúvida ou curiosidade da criança que exija esse movimento;
- Poderá ler o texto de cada página, em sequência, desconsiderando as imagens;
- Ler as imagens apenas, desconsiderando o texto – e depois juntando texto e imagem;
- Poderá ler texto e imagem como algo simultâneo, saltando os olhos do texto à imagem e de um ponto da imagem a outro, portanto, sem uma sequência específica para dirigir o olhar.

Lembre-se de que o leitor pode apreender a imagem de forma global, pode deter-se em detalhes, voltar ao global – e que, a cada procedimento, a cada ida e vinda, o sentido da história pode mudar, pode ser reforçado, pode ser ampliado, pode ter lacunas preenchidas, como pode criar novas lacunas ao leitor.

Acima de tudo, o livro-álbum provoca o leitor e o tira da posição de espectador. Convide as crianças ao diálogo, dê ouvidos a elas e assegure que elas possam se ouvir.

Uma possível leitura de Adelina Gelatina



Título: Adelina Gelatina
Autor-ilustrador: Audrey Calleja
Editora: Edições SM

Para exemplificar esse universo de possibilidades de interação entre texto, imagem e portador e o leitor com a obra, vamos apresentar uma leitura possível com as crianças. Serão reproduzidas algumas páginas do livro, na ordem em que aparecem, mas nem todas as páginas estão reproduzidas.

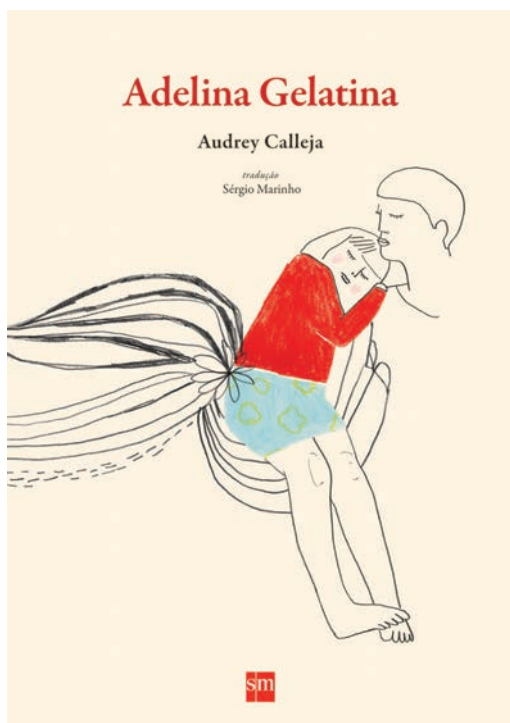
Passemos à leitura, **imaginando perguntas** que poderíamos lançar às crianças **e comentários que poderíamos fazer a uma criança ou ao grupo que estivesse lendo em nossa companhia. Lembre-se, mediador: isto é uma proposta e não um roteiro de leitura.** Sua sensibilidade vai dirigir a forma de você ler com as crianças.

1. Qualquer que seja o livro, sempre é importante ler o título, o nome do autor e, eventualmente, da editora – porque é também importante conhecer a instituição responsável pelas publicações. Se necessário, explicar que se trata de uma tradução.

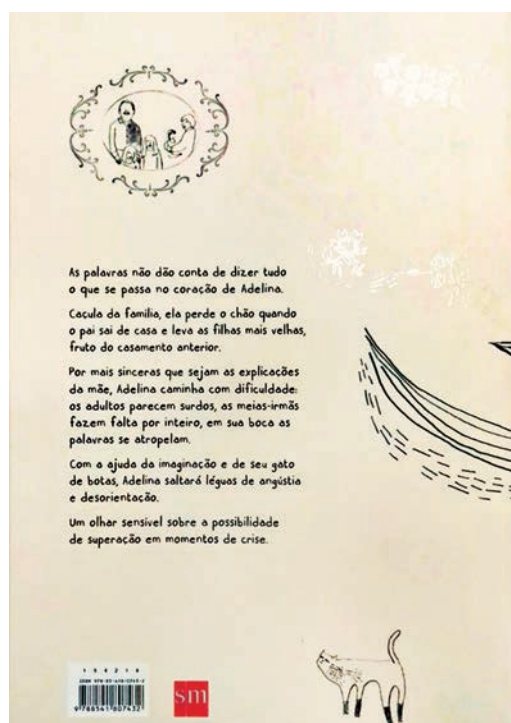
É interessante comentar curiosidades sobre a vida do autor e do ilustrador. Isso amplia a experiência da criança, que desenvolverá comportamentos de leitor que gosta e se enriquece ao saber sobre o autor: em que época viveu, que outras obras escreveu ou ilustrou, que prêmios pode ter conquistado etc. É um comportamento parecido com o de um admirador que gosta de saber mais sobre o cantor preferido ou sobre um ator de cinema ou TV. É uma forma de estreitar os laços entre o artista e o público, o que ajuda a compreender um pouco mais sobre a obra.

2. Como a ilustração é um “texto” visual, e no livro-álbum é uma linguagem essencial, um caminho será iniciar a leitura da obra pela observação da capa e quarta capa (lado de trás), e depois ir folheando, colocando foco nas imagens: se o título é “Adelina Gelatina” quem é a garota desenhada? E quem será esse homem? E por que “gelatina” rimando com Adelina?

3. E na quarta capa, que pessoas podem estar representadas na imagem da parte superior (como um retrato na moldura)? E esse gato fará parte da história? Ou: que importância terá o gato na história? Dessa forma, as crianças já estarão “aquecidas” para imaginar quais serão os personagens e se envolver com seus conflitos, a serem confirmados ou não durante a leitura.

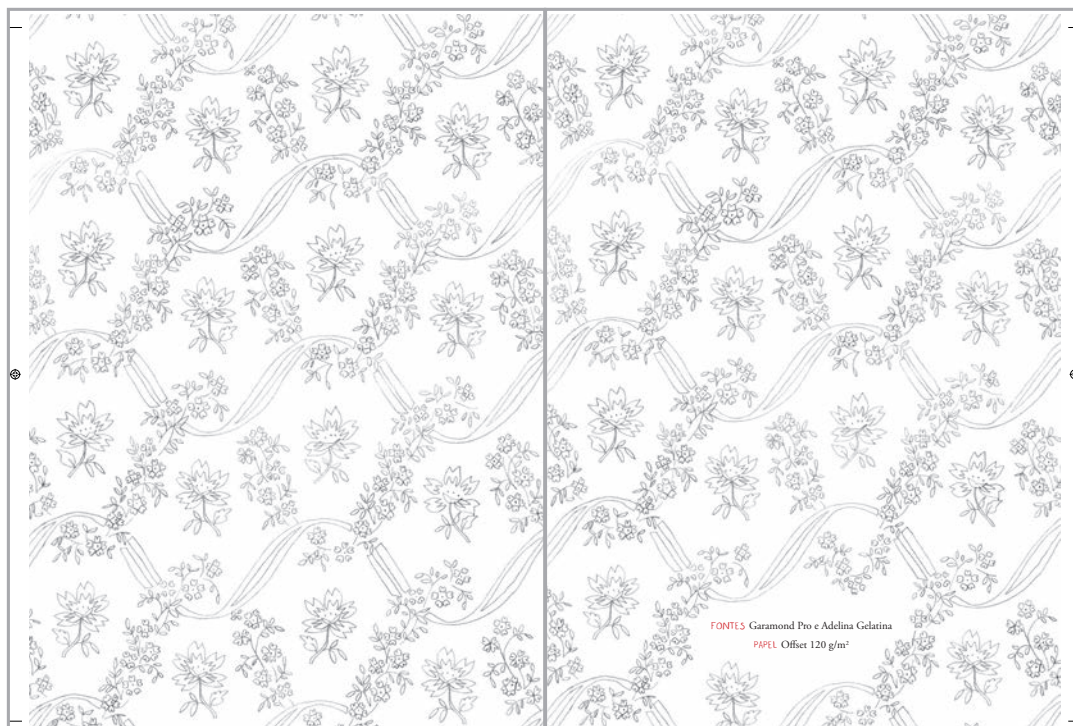


Capa



Quarta capa / Contracapa

4. Em seguida, temos as páginas duplas com muitas pequenas flores desenhadas. Alguém já fez esse tipo de desenho no caderno? Quem, nessa história, poderia ter feito esse desenho?

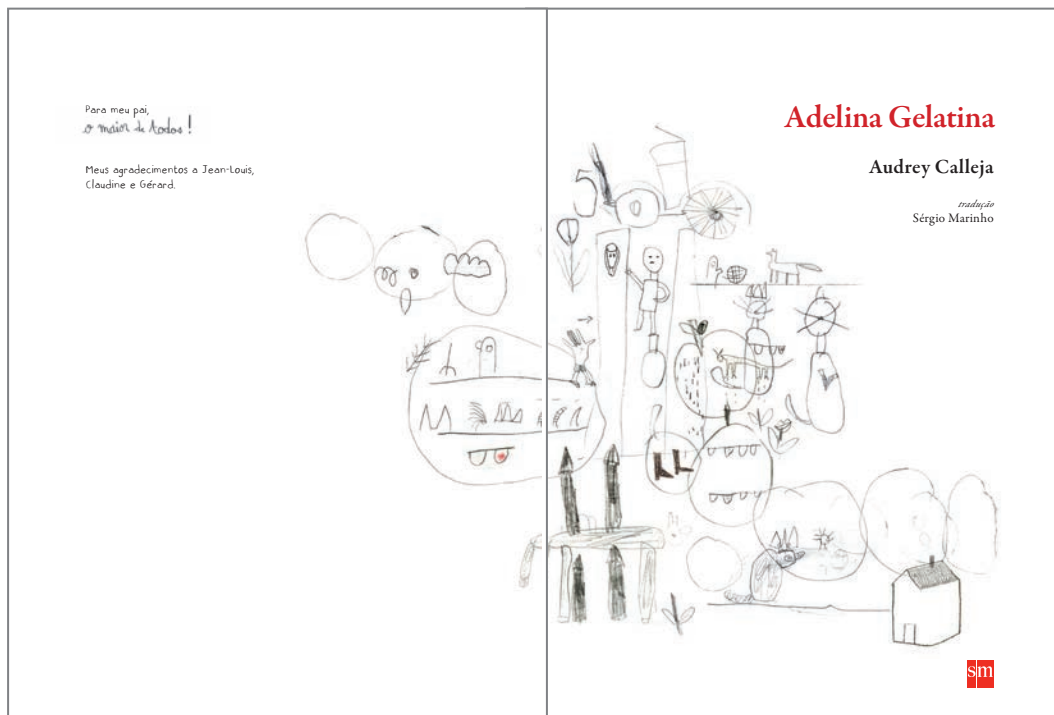


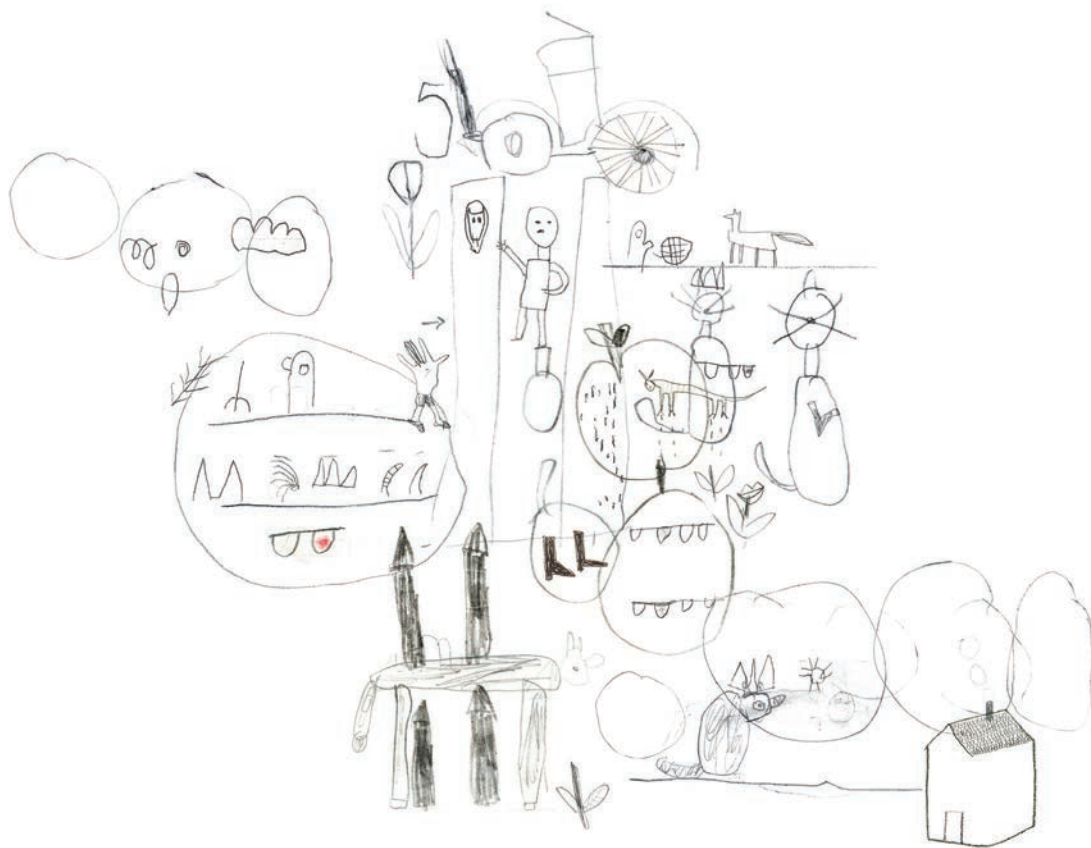
5. Na página seguinte, novamente o título e uma figura feminina desenhada: quem é ela?

Adelina Gelatina



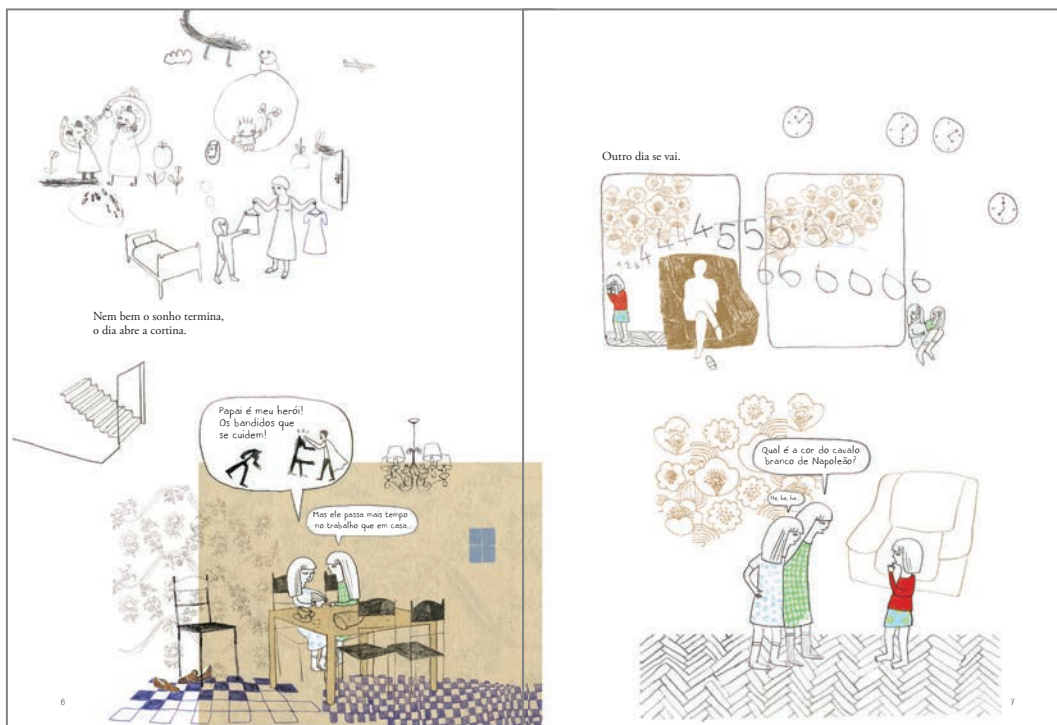
6. Virando a página, na página de rosto, novamente podemos ler o título, o nome do autor e uma ilustração.





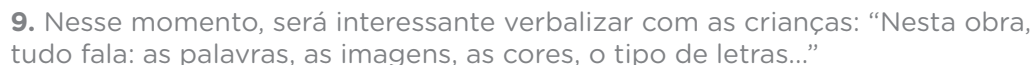
Quem terá feito esse desenho? Será que o ilustrador é uma criança? Quem contará a história: um adulto ou uma criança? O que está desenhado na ilustração? Será o mesmo gato? O que as botas fazem aí? Há uma casinha... o algarismo 5... E a história, quando vai começar? Ou já começou?

As páginas seguintes se apresentam sempre em duplas. Pode-se comentar com as crianças: se esta é uma história, onde está o texto? Onde estão os parágrafos? Será que começa aqui a história? Vamos ler o que está escrito e o que as imagens estão dizendo. O que essas duas páginas nos contam? Vamos juntar tudo e começar a conhecer, de fato, esta história!



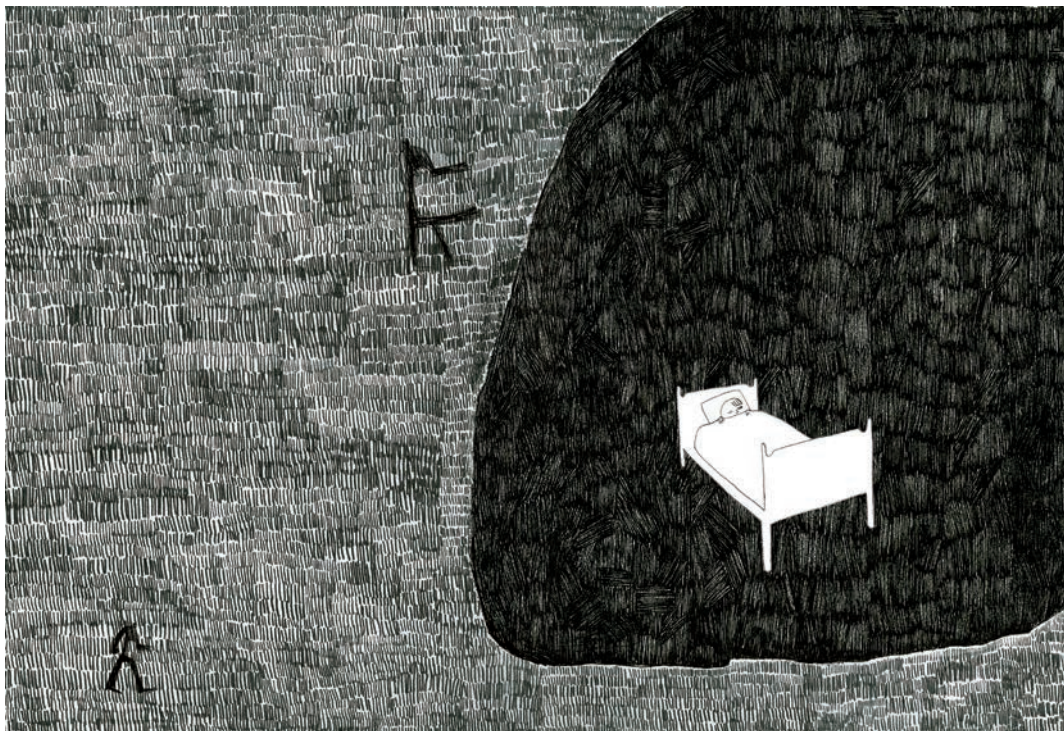
Caro mediador, aqui começa a intensa aventura do leitor, de construir sentido para a história. A criança ou as crianças ao seu lado poderão verbalizar um possível início de enredo: o dia começa, a personagem (será Adelina?) se levanta, a mãe ajuda a escolher a roupa. Mais um dia se passando, as meninas brincam de pique e de jogo de palavras, uma delas considera o pai um herói, as outras comentam que ele quase não fica em casa... Quem são essas garotas? Amigas, irmãs, primas?

8. A página 9 apresenta o recurso da representação das letras: O que estas palavras dizem? Será que Adelina ou as outras meninas estão falando? Por que as letras estão assim maiores? Poderiam estar escritas em azul ou verde? E em vermelho, combinaria melhor com o que estão dizendo ou o preto combina melhor com o significado delas?



10. Dessa forma, às vezes perguntando, às vezes comentando, e sempre deixando que as crianças concluam, vai-se realizando a leitura, vai-se descobrindo o disparador do conflito da personagem. Nas páginas 8 e 14 há alusão à ausência constante do pai, que culmina na separação do casal, tem-se a saída do pai de casa, levando as duas filhas mais velhas. O leitor depara com o conflito da personagem central nesse tempo de adaptação a uma nova vida com os pais separados.

11. As duplas de páginas 18 e 19, 20 e 21, carregadas da cor negra, representam o sentimento de apreensão e de solidão de Adelina, à noite, retratando a chegada do pai e o desentendimento dele com a mãe.



12. As páginas 22 e 23 podem ser motivo para retornar às páginas anteriores e verificar o tipo de letras utilizadas: quando a personagem narra, as fontes são letra de imprensa digitada; quando os personagens se expressam as fontes são letra de imprensa, mas como se tivessem sido escritas à mão. Observar na página 23: como o pai está vestido? O que isso quer dizer? (Ele veste uma capa de super-herói.)



13. Será importante observar agora o dia a dia de Adelina, sem as meio-irmãs. Observar o papel do gato na história. Discutir por que ele passa a ser representado como uma figura humana com cara de gato (páginas 36 a 48) – e volta a ser representado como um animal a partir da página 49.



Assim, a leitura de Adelina Gelatina nos exemplifica as particularidades possíveis de um livro-álbum. Convida o leitor a usar a imaginação para relacionar texto escrito e texto visual e os conhecimentos de vida para interpretar a narrativa, ora por meio do literal, ora por meio das metáforas – como a do gato antropomorfizado –, que assim foi representado para mostrar o grau de importância dessa companhia constante e consoladora para a criança naquele momento difícil.

O resultado final é que temos uma narrativa de poucas frases escritas, mas com um “texto” muito longo, que não foi escrito, e sim produzido pelo leitor, passo a passo, preenchendo lacunas e a partir do que as imagens sugerem. É assim o livro-álbum: pouca linguagem verbal e um longo texto contado pela linguagem visual.

Contando com a lógica e a imaginação das crianças, está formada a deliciosa parceria entre a obra, as crianças e você, mediador de leitura!

Anexo 5

Dicas para ler uma história em quadrinhos

As histórias em quadrinhos precisam, certamente, fazer parte do acervo dos espaços de leitura e da biblioteca de sala de aula, como mais uma proposta leitora de entretenimento e de aprendizagens diversas. Como apresentá-las formalmente aos alunos?

Neste espaço, oferecemos algumas indicações para a leitura da história *O Imundo Perdido – Horacic Park*, Turma da Mônica (apresentado nas páginas 84 a 87).

1. Se a biblioteca contar com vários exemplares de uma mesma história em quadrinhos, ótimo! O professor e as crianças ficarão com os exemplares em mãos, para começarem uma conversa interessante sobre esse gênero. Mas é possível também conversar com a revista apenas em mãos do professor, que poderá mostrá-la coletivamente e em alguns momentos passá-la de mão em mão.
2. O combinado será: ler uma história e ir parando para conversar sobre como os quadrinhos se organizam, o que têm de diferente de um livro de história.
3. Vale a pena iniciar com as crianças, cada uma à sua vez, dizendo tudo que sabem sobre esse divertido produto cultural. O mediador de leitura deverá cuidar para que não seja um questionário para as crianças, de modo a afastá-las em vez de aproximá-las da leitura. Mas irá ouvi-las, às vezes fazendo um comentário, chamando a atenção sobre algum aspecto – a cada vez que se reunirem para ler quadrinhos.

Dessa forma, meninos e meninas poderão dizer que os quadrinhos: contam uma história, utilizam quadrinhos de diversos tamanhos, há muita ilustração, há palavras e outros recursos que reforçam as emoções dos personagens. É para serem lidos da esquerda para a direita, a mesma ordem que usamos para seguir lendo uma história, folheando as páginas. Há personagens que vivem aventuras, em torno de um acontecimento principal. Há dificuldades, problemas vividos por um personagem principal ou por vários personagens, há situações-problema, às vezes inimigos que causam problemas, há amigos e situações que ajudam a resolver as dificuldades.

4. Pode-se apresentar os personagens da história, antes da leitura, ou conforme apareçam, ou verificar quem já os conhece. E iniciar a leitura, que será interrompida constantemente. Enquanto se lê, o diálogo acontece: o professor pergunta, ouve, comenta, remete o comentário de uma criança para que outras observem o que foi dito; chama a atenção para um detalhe, pergunta se sabem do que se trata, informa, elucida – não como quem quer que as crianças decorem ou aprendam sobre o que disse, mas como quem aproveita a oportunidade do diálogo para trazer novas informações.

5. Se os alunos não tiverem tantos observáveis, algumas perguntas em tom de curiosidade podem chamar a atenção sobre alguns aspectos dos quadrinhos: os balões têm um traçado diferente. Por que será? Vamos ler o que está escrito? O que percebem? O que você pensou para responder? E essas “linhas” perto das pernas ou dos braços dos personagens, para que servem? E estas palavras? Quem consegue ler? Neste quadrinho, parece que uma câmera chegou perto do rosto dos personagens: por que será? O que isso “diz” para você? E para você, o que significa?

6. A leitura prossegue, professor e alunos comentando, seguindo a sequência narrativa... rindo, aguardando para saber o que vai acontecer... até chegar ao final!

Na sequência das aulas, os alunos continuarão escolhendo gibis para conferir, nas leituras autônomas, tudo aquilo sobre o que conversaram com os colegas e com o mediador de leitura. É uma das formas de a história em quadrinhos se inscrever na vida dos meninos como mais um exemplo de literatura de ficção.





Iniciativa:



Apoio técnico:

